

Viver-se – Antologia de Letícia Alves

Letícia Alves



Apresentado por

Meu Lado Poético 

Dedicatãria

*Para mim e para outros como eu que não só existem nessa vida, mas sim, sentem-na nos
aforismos e lirismos dessa nossa estrada-finita.*

Agradecimentos

Agradeço as pessoas especiais que me incentivaram a continuar escrevendo e persistir nesse mundo da escrita a dentro.

Em especial, quero agradecer a minha querida amiga Isadora Silva que foi arte e inspiração para a vida da minha escrita muitas vezes.

Sobre o autor

Uma incomum que trata da sua incomunidade no delírio vivo da escrita.

resumo

O brilho da cidade e a cor das silvestres rosas

As Tears Goes By - Song of Life

Ensinei-me nada

Eu não escrevo assim as coisas

Tudo que eu sempre quis

Relato duma tarde ouvindo Hisaishi e lendo páginas sem fim

A boa escrita

ARVORAR

ARte

O pequeno pássaro na gaiola

Pingo de Chuva

O silêncio – o Eu

Prosa da Manhã Declinada

Dias de Chuva – Forever Rain Spirit

Poeira Estrelar – STARDUST

DOENÇA DA JUVENTUDE – OS INSTANTES-JÁ

Os Espectros de Mim

Todo o dia sabe que vai acabar

Estações Tangíveis

Campo de Flores

Jovem Coração (young at heart)

A Eleutheromania do Samar (O desejo intenso por liberdade durante o pôr do sol)

Capim-amarelo devido ao sol

Poente da cor Laranja

O MISTÉRIO, O INEFÁVEL

A Criança e o Seu Jardim

Qual é o seu sonho?

Soprar no Vento

Derivar - Urge viver a minha vida (gotta live my life and shine my light)

Soneto da Realidade - Sweet Blood and Tears messages

Reflexões de um período de lua cheia e interior minguante

Gostos e Afinidades

Porosidade - Apperzipieren (perceber)

Corpo Imaterial

Espalhando desejos, lágrimas e flores (tudo cai em minhas mãos)

O mundo é você

Meu melhor - LIMBO

Dança da Energia que Flui – La Pioggia

Nuvens (Clouds)

Ode a Deus

A Cegueira Clara

O Mundo não está perdido - Dorme meu filho

Amar na Corda Bamba

AZUL

Como é bom ter o tempo como amigo

Manhã que se faz

Infância Eterna atrás do pensamento - Mother's Room

Saber Viver - Carta à 'lifetime' (enquanto a vida durar)

Flagelo - Ilha em Chamas, Coração que Canta

O barquinho que vai e cai

Poema das insignificâncias significativas - Vida

Pensamentos Deambulantes

Durante A Noite

Soneto da Chuva

Antes de Dormir Pensei: Um Devaneio Coerente

A estrela queima, eu teimo e volto

Voo meu

Registros Desejados, Cuidados e Diários Transbordando

A Utilidade do Inútil

Queda de Morte Súbita - o Eu Hades

Poema do Aleatório Significativo

Reflexões breves de final de ano

2023-24 - O Fim e o Começo (Novo Ano Novos Eu's)

Aonde quer que seja

A Segunda Estrela

I KNOW WHERE THE RAINBOW HAS FALLEN (Eu sei onde o arco-íris caiu) - Fantasia da Infância

Diary – fragmentos esparramados

É preciso pairar com o ordinário

Entre o momento-lento e o sono-sonho o poeta veste-se de palavras

O tempero da vida - azul

Des(pensar)

Reflexões sãs e leves como a árvore

palavra é paz interna, é Amar-se

tristeza é a sua hora - meu embuste perfeito

o que sou eu - resposta

Des(pensar) para Des(pesar)

Cego na noite

Dança do Alvorecer (minha aspiração)

Qualquer coisa especial desabrochou no meu íntimo inconsciente

O Homem Mata as Borboletas e os seus Filhos

Instabilidade

As Chamas Também Respiram

Qualquer coisa especial desabrochou no meu íntimo inconsciente

Chove e eu gosto do tempo de hoje

Fonte de Encontro – Metamorfose

Lágrima que escorre e o vento seca

Eu vi uma Baleia Azul nas nuvens

Anseios para o Novo Ano de 2025

O Amor Phileo (como Onesífero e Paulo andam juntos)

Deixar coisas boas morrerem

EUDAIMONIA

Reprise do que não pode morrer

Pensamentos provenientes da leitura: 'Notas de Inverno sobre Impressões de Verão' do

Dostoiévski

Eu Existo: da Conexão das Nuvens ao Chão da Terra Molhada

O som do Amor Verde

A Sapiência da Montanha Verde-Vida

Esperanças, Saudades e Rodas da Vida

À primavera que rumoreja dentro de mim

Reflexões de Primavera Dentro do Meu Corpo Novo

Sussurros mais puros colidem - meu Elo

O brilho da cidade e a cor das silvestres rosas

Eu vejo o brilho da cidade à noite

E é tão bonita!

Não lembro das dores que esse barulho traz comigo,

Não me lembro de nada disto, amigo...

Pelo menos por hora esqueço isso.

O brilho noturno leva todos os pesadelos consigo...

Percebo as luzes artificiais que bloqueiam a visão das estrelas,
respiro e agradeço, pois há o vento para sentir.

Vejo pessoas despercebidas da vida, dirigindo em alta velocidade,
correndo contra o tempo, ao vento, perdendo a vida, perdendo tempo.

Entendo o custo dos tempos modernos, líquidos.

Desvio o olhar e vejo um menino que brinca perto duma planta;

A sós diz muito com o seu olhar.

Há muitas almas bucólicas no meio dessa névoa de motores
de carros que veem na vida o além que está no agora,
o brilho da cidade e a cor das silvestres rosas.

Meu olhar muda para o leste. Penso que todos estamos a procura de algo.

Dos nossos ancestrais seguimos os mesmos passos.

Entretanto, seguimos com a constante dúvida
sem a sabedoria, a receita para encontrar esse "algo".

Perdidos no mundo-espço. Brincando com o insaciável.

Para esses o menino ensina uma lição: aperceber-se.

No brilho da cidade que nunca se apaga eu espero amadurecer,
sem entorpecer o meu ser, desembrulhando-me
neste meu humilde canto, vendo as coisas bonitas
que dia após dia há para ver.

As Tears Goes By - Song of Life

Eu tenho esquecido o que aprendi do mundo.
Tenho perdido muito.
Eu corri atrás da resposta
para estagnar na dúvida.
Aquele espaço-tempo todo foi muito decisivo.

Se eu voltar pra casa e me deitar
devo deixar a emoção me domar?
Uma certa tristeza que está acenando...
Pensei que ela estava indo, mas está só chegando.
No final, está sempre por aqui rondando...

Eu não me aceito para me aceitar.
A palavra felicidade, por isso, me fez tremer.

Então o amigo vento passou e sussurrou sabiamente:
? Se você olhar para o passado e refletir agora,
vai ver que o que você perdeu
torna a aparecer perdido onde você perdeu.
Preste bem atenção, as coisas perdidas
perdidas estão naquele lugar.
Às vezes você olha para o fundo e para atrás em busca do perdido,
bisbilhotando a luz do luto e por lá perde o seu eu.
Abismo cavado; buraco seu.

Observo e ouço...
O vento e a tristeza estão acenando de novo, e as lágrimas caem...

O vento soprou, a neve findou,
a chuva parou, a flor desabrochou!
Tudo isso enquanto eu estive florescendo ao vento
para essa nova vida-estação.
Estou longe e dizendo até logo. vão.

As nuvens são brancas
e o céu é todo azul.
Uma vez que cresci,
fui-me.

Ensinei-me nada

Ensinei-me as diversas línguas;
Ensinei-me as inúmeras histórias dos livros;
Ensinei-me os deleites da boa música;
Ensinei-me o descontentamento que outrora a Camões pertenceu;
Ensinei-me a perder pouco a pouco o meu eu...
Ensinei-me sobre a Teoria de Deus.
Ensinei-me a encontrar o cerne do meu eu.

Entre tanto ensinamento, aprendizado e esquecimento,
fui incapaz de não aglomerar o pensamento;
Incapaz de guardar as palavras do Salmista no coração;
Como se tudo que um dia li se tornasse vão.
Vislumbres e poeira no chão.
A incapacidade minha, e só a minha,
de manter esse conhecimento ?
que sustentava o meu ser ? de dentro, para dentro,
constituiu em mim o meu pior adversário.

Algun resquício maltratado num ser desorientado.
? Ele ia ao vento, na árvore, no momento.
Concluía que o simples não jaz.
? Complexidades? As têm demais.
E terminava o pensamento, enquanto
uma folha de árvore caía sobre a sua cabeça.
Mais uma vez a natureza ensinado como ser leve.
Alento leve.

Eu não escrevo assim as coisas

Eu não escrevo assim as coisas.

Eu sou de outras.

Da magia da alma,
que só o homem
que ama o irrelevante
experimenta.

Do posso sem fundo.
No meu descobrimento
do mundo acordo e durmo.

Acordo e durmo
sendo Ser Noturno.
De cabeça pra baixo
escrevo uns versos
ao avesso do resto.
Delírio no meu verso.
Nos meus versos expresso
o nada real das coisas
das cousas ? magia doutra.

Mente coerente
é mente que não voa.
Apego-me à ave
e por isso a minha rima voa que voa,
para longe disso que conhecemos,
mas que está tanto
dentro do que vemos
que por vezes não percebemos.
Porque eu não escrevo outras coisas.
Eu sou assim.

Tudo que eu sempre quis

Uma manhã que lentamente começa a construir-se.
Um café quente como as ondas do raio de sol
de dias de verão na varanda;
Páginas de um livro tão velho que tão amigo,
sendo folheadas, lidas com carinho.
Uma gota de café que nele cai
e forma a desarmonia.
? Ó vida cheia de *(des)graça!*
O pássaro avoando por todo lado
canta, como quem ri da situação,
e num desencanto que encanta
um tanto desfaz esse reclamo.
Olhos na natureza;
Na graça da harmonia da sinfonia desarmonizada.
Um casinhas brancas, umas árvores verdinhas...
(Penso em quanta história não carregam
essas coisas simples.)
Pessoas passando, simplesmente vagando.
Vejo rostos diferentes e vidas diferentes,
concomitantemente, almas com os mesmos
dilemas. Risos e problemas.
Todos alunos da mesma vida que hora ou outra rima.
Um verso à solta;
Uma palavra à volta;
Uma linha ao vento;
Um texto insólito.
Respiro e penso em Deus...
Agradeço pelo ar, o respirar...
E nesses instantes a manhã se faz,
emoldurando seu belo quadro,
nas veias do tempo da minha mente
de **belas memórias carente.**

Relato duma tarde ouvindo Hisaishi e lendo páginas sem fim

Às vezes numa expressão solene, quase que enfadada,
respiro o ar gélido e inspiro o meu contentamento momentâneo;
Apercebo-me do universo ao meu redor.
Astros esparsos, meros rastros.
Penso então no quão contraditória pode ser a existência ? bela e barulhenta.
Levanto o olhar levemente e o universo que coexiste em mim
resplandece nas nuvens. Pálidas, mesmo cheias de chuvas,
seguem esbranquiçadas em leve ternura.
Para mim. Para quem olhe. Para algo e para ninguém ? Apenas por ser.
Fruem no entardecer que cai levando o sol de forma bela e devagar.
E a mente precipita-se em flutuar com as estrelas
que se ascendem no céu solitárias. Nossas eternas companheiras.
A noite em breves instantes se refaz em claridade.
Uma rajada de ar noturno entra pela janela num ar abrupto. Abruptos pensamentos incendeiam
tudo de dentro.
Outro vento congelam-os todos.
? Os pequenos, quase que insignificantes, momentos
são essenciais para compreender o todo.
Outro dia, à tona, trago isso tudo de novo.
Preciso relembrar para lembrar *como caminho; qual é o caminho.*
Demoro mais um pouco na cadeira da varanda,
escrevendo langorosamente o que já disseram e passaram outros.
As nuvens se separam de novo...
Pressinto que outro tempo está para vir.

A boa escrita

*Desenhando entre as palavras
brincando com as estruturas,
verbos, conjunções,
o que dá é a minha conjectura
Linhas do tempo emparelhadas;
Sons de música sem nada;
Cores vivas, cintilantes e atrasadas.
A escrita é necessária.
A boa é rara.*

ARVORAR

Tem dias que a vida me lembra
o quanto ela é passageira
e bonita como a cerejeira japonesa.
Noutros traz-me de volta à memória
o quão seco os galhos podem ser; secos e diversos.
Mesmo nisso há sempre um universo.
Aguardo pela amendoeira
que irá manchar essa estrada cinzenta
com as suas pétalas brancas,
simbolizando uma nova temporada ?
outra página, outro recomeço ?
para quem quer que a veja.

ARte

Arte
é ar de gente.
Gente d'alma d'arte,
carece diferente.
Ter arte é ter ar;
Ar da arte de amar.
Ter algum lugar
no mundo
é o cerne da gente;
Dessa gente em arte
que é toda
bela e diferente.

O pequeno pássaro na gaiola

Há um pequeno pássaro na gaiola
que quer aprender a cantar.

Na plenitude da luz do dia
muitas vezes estão a cantarolar,
por isso o pássaro engaiolado
não consegue as suas
próprias notas acertar.

Mas o seu Mestre cobre a gaiola
com um pano escuro,
onde há somente uma canção,
a qual o pequeno passarinho
atenta em meio àquela escuridão.

Após fartas
tentativas fracassadas,
o passarinho irrompe o silêncio
e o escuro com o seu canto inefável.
Como é bonito e prazeroso este som!

Assim, o pequeno passarinho
se tornou um **grande pássaro**.
O passarinho aprendeu a lição
com o seu Mestre, à custa do molde
do seu canto dentro do seu coração.

O canto do interior que doía e ardia
agora traz à alma do passarinho regozijo.
Está é a lição, querido amigo.

Pingo de Chuva

Cai um pingo de chuva,
Cai uma palavra no papel
e se desenforma,
criando forma.

Não recordo das pequenas coisas intrínsecas.
Por que o tempo passa sem passar?
Dentro de mim cai aquele pingo de chuva.

Outro pingo cai, mas esse voa com o vento.
Alento. Voa desfeito como o meu eu frágil e permeável.
Se até o pingo de chuva quando cai do céu
voa em direção ao inesperado, voarei eu também.

Meu voo ficará registrado no papel.
Entre turbulências ásperas e plenitudes cobertas por nuvens.
Já que não me restam tantas reminiscências na memória, escrevo.
Embeveço na poça que o pingo de chuva criou.

A alma e a memória dormem,
mas resplandecem em artifícios de memórias vivas,
quase que autênticas, quando escrevo.

Escrever até que
a última gota
se desfaça
por completo.

O silêncio – o Eu

Definir o silêncio é definir eu mesmo.

É o meu eu demasiado alto.

O indizível estufado no peito
que não fala, mas tributa.

E então eu vejo-me naquele ponto
silencioso, perdido, aprofundado
no inefável e sozinho.

Todavia, esta solidão nítida não me apavora,
pois é, na verdade, o meu *cerne de solitude* ?
a solidão do silêncio, autoconhecimento.

Meu acontecimento está ser adentro.

Minha espécie de **Recomeço**.

O silêncio. A definição.

O Eu. A solitude.

O Recomeço. A mundivisão.

Prosa da Manhã Declinada

Há manhãs embevecidas de nódoas formadas pelo declínio humano da minha parte que parecem não me deixar estar. Desço as persianas na tentativa de não obter a visão do inferno logo cedo, como sempre fiz. Como sempre evitei. Tal como nunca outrora tentei. Nunca tentei me livrar disso. É o peso que carrego comigo.

O peso de saber que por vezes as folhas amanhecem plácidas, mas sem vida. Assim como a lua, sem brilho visível e sem algures estima. A mancha cobre todo e qualquer resquício de longevidade em mim, que sigo pendura à sombra. Arrastando-me nas penumbras do que se chama existência, com uma certa irreverência e repleta de incongruência.

Apesar de tudo, assim como as nuvens carregadas e os mares e os seus peixes mortos, estarei fadada a existir entre os arames disso tudo, que levar-me-hão para além do abismo; contemplá-lo de cima e seguir em metonímia. A tristeza fértil; a sombra que resplandece à noite; o calar da voz que faz o coração tributar.

À vista disso, escalo. Escalo também os dedos no teclado, como um mero vigia solitário sobre a minha *lua-anseio* e aquém dos meus devaneios.

Dias de Chuva – Forever Rain Spirit

O tempo nublado reflete o meu espírito sonolento hoje.
As estradas molhadas e pessoas apressadas, ainda que pareçam estar caminhando numa lentidão passível, trazem-me a percepção de um dia de chuva comum, mas diferente. Sinto-me diferente, mas isso, este sentimento de incisiva e inerte vacuidade, não é novo. Já me ocorreu. De tempos em tempos vem; sobrevém-me -- é para sempre...

E, de novo, a chuva cai ressoando a desconformidade existente em mim, numa sinfonia natural que só as gotas desse dia podem conceber, que só a natureza e a alma bucólica podem perceber em volta de si.

A névoa é pálida como a tranquilidade que exerço ao andar sob a chuva com o meu guarda-chuva vermelho, como a rosa avermelhada que observo enquanto ando e medito, reflito nalguma brevidade que já não existe mais.

A vida nos dias de chuva é diferente. A lenitude parece-me regressar bem devagar quando ouço gotas, do outro lado da janela, a estalar no chão. Nesses dias tudo cai e se refaz em câmara lenta. Permeia o que só na alma adentra.

Poeira Estrelar – STARDUST

Vejo sombras à noite que parecem balançar estas frágeis paredes.
A cidade está repleta de poesia estrelar.
Poeira do pensar, das ideias.
Sinto preguiça e volto a cochilar...

Luzes de néon, fogos de artifício em cores de arco-íris.
Em pensamento, verso um desfile pela cidade,
imaginando coisas que nunca voltarão
acontecendo bem na minha frente,
como se eu estivesse em busca de um sonho interno.

Fecho os olhos e o vejo nitidamente no meu silêncio colorido.

Uma vertigem prazerosa. As luzes estremeando e eu escrevendo.
Compassos de vento e existência ? a minuciosidade do momento.
Aqueles sombras noturnas perfuram as janelas,
preenchendo a minha alma de poeira estrelar
com quietude, desejos e esperanças taciturnas.

Um único fragmento de uma nuvem solitária,
que reflete o eu, separa-se do resto do céu.
Transcendo e entendo o mundo, as galáxias e todo o universo,
mesmo sentada numa cadeira também feita de poeira estrelar.
Esta cadeira parece mais uma memória...
Reflito e olho para o céu azul-índigo através
dos meus dedos, receios e versos não feitos.

Vejo a nostalgia na superfície do luar,
e tudo e todos começam a desaparecer
no som do bramido distante do mar,
que ? conforme fechos os meus olhos ?,
foge de mim, afluindo com a poeira estrelar.

? *Hyun*

| 30/03/2023 às 12:36

DOENÇA DA JUVENTUDE – OS INSTANTES-JÁ

Às vezes, em momentos frágeis, num instante-já, sinto a minha juventude sendo esvaída das minhas mãos, como se tentasse segurar a areia com os dedos semiabertos, para uma suposta eternidade.

Uma eternidade longínqua que resplandece nos olhos. E eu giro, giro e entorpeço com isto, numa dança esquisita para a minha juventude, para a vida nos instantes-já, para o presente que já passou e me levou, para a minha inconstância e efemeridade, para todo o saudosismo vigente que me traz da vida saudades.

Ah, o passado. Tudo já é passado... assim como essas palavras que já se tornaram meras reminiscências. Pequenos artifícios que me tocam, me fazem querer viver, me fazem sorrir ao lembrar e ao notar a minha juventude ? a minha doente juventude.

Choro de felicidade e saudade. A melancolia invade e aflora toda a parte penetrável deste coração embevecido pela brevidade das coisas que ainda nem foram experimentadas. À juventude que existe em mim dou asas. Aceito as quebradas. Dou graças à vida e a Deus pela juventude que posso viver, sentir, por ela de prazer morrer.

Nos instantes-já vejo os substratos da minha juventude passando e, porque noto esse fenómeno esplêndido e belo, porque posso ver e viver, sou feliz.

Até na infelicidade há a parte onde a felicidade paira;

Até na lagrima há expressões de leveza;

Até na calma há inquietação;

Até na água há sede.

Tudo sempre está tão longe, ainda que esteja sempre aqui.

Contudo, às vezes, em momentos frágeis de instantes-já,

a vida é vívida, e então vivida.

Os Espectros de Mim

Quanto a mim, sempre na tentativa resiliente de descobrir
no meu íntimo, nesse cerne inefável, a mim mesmo,
este ser designado por falhas, eu tropeço.

Tropeço sempre em uma ou outra percepção
particular e mais intimista. Vejo graus de características
que me dividem, ao mesmo passo que me compõem:
Sou resoluta e insípida;
Possuo espectros de luz e sombra;
Corre no meu corpo sensações de frio e calor;
Transcendo nas impressões das árvores
e também nas dos campos mortos.

Esses espectros são levemente afastados de mim,
coexistem, mas sem se fundirem.
De tempos em tempos um volta,
significando a partida de outro.
Por vezes, todos se ausentam,
e, durante essa ausência,
não tenho consciência nem mesmo
do paradigma que me rodeia,
do meu eu próprio e da minha existência,
como se as percepções não me afetassem,
não me visitassem, deixassem-me.

Vivo um sono tranquilo de alma, na linha tênue do 'enquanto'.
Até que todos eles voltem e encontrem-me.

- 09/03/2023 às 11:36

Todo o dia sabe que vai acabar

Todo o dia sabe que vai acabar.
Todo besouro sabe que vai voar,
brevemente existir e morrer.
Será que os gafanhotos conhecem
o inverno como eu?

Será que o passarinho que acabou
de passar aqui sabe que eu não
posso voar como ele?
Que eu não tenho gaiolas
ou asas como as dele?

Todo mar sabe que na sua
profundeza escondida
é onde algum tesouro
perdido habita;
alguma espécie indefinida.

A onda também sabe que
o momento mais bonito dela
é o que faz ela quebrar?
Se soubesse ela ainda escolheria?
Só a onda conhece o eclipse do mar.

A estrela morre todo o dia
e nasce toda a noite, venusta.
A lua, sua amiga, todo dia
enfrenta e reflete a sua fase-parte.
Todo dia eu sou o que sei que vai acabar.

Mesmo assim escolho fazê-lo
e morrer de viver.
Tem-se muita água,

água que deve correr
intensamente para se beber.

Estações Tangíveis

Decorrem os dias, vão-se as horas.

Uma primavera rumoreja de dentro para fora dessa toca.

O outono chegou, e as suas lembranças me envolvem

numa espécie de abrigo saudosista,

como se fosse, na verdade, noite de verão,

resta-me lembrar de lembrar

e lembrar e lembrar...

O inverno retornou...

O ar gélido e tépido bate às portas.

Muita neve e mansidão. Cintilam as músicas clássicas natalinas.

Tudo é como cristal. Um cristal melancólico que apodera-se

ainda dos dias de outrora.

É um ciclo que se renova.

Outra hora entardecer-se de novo naquele mesmo conto

de verão de fim de dia, observando palavras nas constelações

de cada paisagem que não de atender o pedido angustiado

da robusta flor de primavera que tem renovado as minhas forças.

A pintura da palavra vista purificou-me. O pedido da flor efetivo tornou-se.

Por enquanto, sigo cantando todo o canto que me é atravessado.

Sobreponho-me a todo esse resto. Transpasso-o, quer seja ele um

mal ou bom verso. Por aqui me despeço. As estações findam. Encerro.

Campo de Flores

Me encontro num campo de flores.
Imagino o oceano, o deserto, o mar,
o paraíso e a terra. Fértil, mas vazia.
Imensa e entupida.

Que será explicar o mundo,
sem ao menos conhecer a si mesmo?
Como poder acompanhar o mundo e
mostrar-se surdo ao não ouvir a si próprio?

As ondulações temporárias representadas
na mente estimulada desenham ondas que
vibram forças. O reflexo é tão forte
quanto o que é ponderado.

Eu sinto, logo vejo e, se vejo, é para criar.

No final, imaginou tudo, mas sempre
dormiu num campo de flores.
Morto ou não, sempre foi
um campo de flores.

O rascunho do meu é escrito
em fogos de artifício ? queimam e brilham;
Incendeiam enquanto se apagam.
Vagam e reluzem como vagalumes.

Me encontro num campo de flores,
sem título, sem nome, sem a vergonha,
sem o túmulo dentro do peito.
E aqui, onde fui plantada, permanecerei.

Jovem Coração (young at heart)

Alucinação de plantas que se movem como pássaros,
sem direção; o vento dita o fluxo glacial, solitário, mas acolhedor.
Para acordar deste sono profundo (não-vida) disfarço-me
de joaninha e prendo-me à folha ? sublime momento; vou de ida.

Conversamos sobre a arquitetura da ponte-árvore, da canoa na
água serena nos confins ignorantes de tudo bem mais longe...
O som plácido envolto dessa atmosfera guarda-nos. A nudez do sol,
o músico que esquece a partitura e o cachorrinho que chega devagar.

(O mundo passa a ser uma máquina lenta, pois nas minhas lentes tudo
acontece devagar. O tempo parece esperar. Tardar. Findam-se os "será's")

Visão quase que celestial. Transcendental. É um doce delírio.
O corpo arrepia e respira, boiando nas vibrações contínuas dos
leves raios de sol. Êxtase relampeja. A imagem reproduz-se até
o sem-fim, aqui dentro, em mim. Estreito, mas direito no jovem coração.

A Eleutheromania do Samar (O desejo intenso por liberdade durante o pôr do sol)

Um cubículo de mundo;
Minha estrela perdida.
Encontros no interior.
Sinto-me renovada.

A paz pungente;
O eu vigente.
O mundo é calma
no meu mar abrangente.

Pegadas na areia,
mas não de areia.
O mar as apagou,
mas ainda me lembro delas.

Assim como as minhas
borboletas feitas de memória,
que voam despejando em mim
alguma outra história; outrora; nova.

Em algum lugar
descanso ?
(in)ternamente.
¹Eleutheromania.

Encontro-me no ritmo que sai do tom;
Deixo a borboleta voar;
Rego o que é bom.
Nego o importante (deles) que não é meu.
Samar e romantizar o indefinível perecível.

[Por muito tempo essa tem sido a nota musical que anelo por acertar. Estou quase lá.]

¹ *Substantivo ? Um intenso e irrepreensível desejo por liberdade (Grego).*

² *Verbo ? Ato de sentar juntos numa conversa ao pôr do sol / ou no fim da tarde (Árabe).*

Capim-amarelo devido ao sol

Capim-amarelo devido ao sol.
Através dele vejo o dia e a folia
das crianças que passam
andando de bicicleta,
emparelhadas com seus amigos,
da vida rindo.

Conectar o oceano com a alma.
Descrevo as ondas do mar em sentimento,
e o sentimento-onda finda por bater em mim.
Eu vi. Vi de forma translúcida o seu esplendor
e nostalgia passaram por mim.

Pássaro vermelho. O dia é reflexo dele.
Dele que encanta enquanto canta, e perante
a colorida sinfonia lembro da infância.
A alma suspira de alegria.

Avisto um balanço velho, subitamente
as memórias se fazem novas.
A criança no balanço que vai e vem
e o entardecer que cai.

No fim do dia, a lua ascende,
acendendo em mim algo.
Sinto que é uma mensagem
plácida da existência para mim.

Sinto a incógnita. Deixo estar.
Apercebo-me de mim. Deito e sou feliz.

[O capim tornou-se
naturalmente verde-escuro.

Mas, os vagalumes iluminam-os,
até que noutro dia tornem a brilhar].

Poente da cor Laranja

É a hora em que os trabalhadores voltam para casa.
O sol confortavelmente aquecido parece deslizar
para a superfície calma e bucólica que vejo.
Um, dois, três, e mais um, sempre mais um carro
deslizando rápido e vultosamente; formando figuras,
formas abstratas que revelam minhas vontades inatas.

Derretendo lentamente, mas é prazeroso.
Finalmente o tempo parou.
A folhagem das formas pairam sobre mim.
Esqueço-me até que tenho o céu para admirar porque
só sinto as cores e as ondulações trazidas por elas.
Transformo o espetáculo cotidiano ? este momento
que passa tão brevemente - numa paisagem colorida
que deve ser percorrida isoladamente.
Após isso ninguém sai inalterado. É necessário
puxar a lavanca do seu próprio meio para mudar
a cosmovisão do todo, passar da superfície
contaminada e arrancar as raízes do mal.

? Enfrentar o abismo e ter inclinação para viver. Ser.

A folhagem cheia de vida e graciosa me mostra como
abandonar a mão ansiosa que procura a totalidade,
me ensina a arte de acolher a vontade abstrata de uma
pura impermanência da forma significativa, da figura da
existência. De tudo que muda sem porquê, sem resposta.

Na hora em que o sol é macio como o azul e generoso
como o lírio-laranja, eu procuro encontrar o poder
construtivo, meu, e subjetivo; frágil como a sonata,
frágil como eu. Libertar! Libertar, finalmente, as figuras
que haviam sido empurradas, direcionando-nas

para uma explosão exterior esplendorosa ? a sina suave.

Agora, no final, vejo a glória da vida em lilás singelo, castanho sóbrio e verde novo. Possuo a graça, a força e enxergo toda a luz que me reluz, enquanto constela a noite que se aproxima.

¹O laranja é uma cor ativa que significa movimento e espontaneidade, simboliza encorajamento, estímulo, gentileza e tolerância. O Laranja é também a cor da comunicação, do calor efetivo, do equilíbrio, da segurança e da confiança. É cor das pessoas que crêem que tudo é possível.

O MISTÉRIO, O INEFÁVEL

A escrita me recomendou o cheiro das flores,
depois me mostrou o brilho da noite.
Transcendeu-me ao indizível, na procura do invisível.
Acabei por dormir na palavra, conectado com o inefável.
Encontrei o mistério estabelecido no 'entre' das coisas ?
o ventre e o caminho; ente aconchegado na alma existente.

Num artifício sublime, na égide indecifrável
que se estabeleceu em mim, descansei.
Descansei e vivi.
Em chamas ardentes pelo mar;
em luzes instigadas a ascender ao céu cedo de mais;
Entre o desejo e o eu, permaneci.

Eis o mistério, a dúvida e a resposta vaga.
Vaga de palavra, completa de impressão.
São questões que padecem de encontros mensuráveis
com a realidade, mas que vivem placidamente na alma adormecida.
A paz de não compreender é viver.
O indizível é o mistério, e o mistério tem de permanecer lá.
Acolho o meu mistério e concebo a existência a mim
? concedo a vida sem-fim.

A Criança e o Seu Jardim

E a criança que brincava
sozinha no mato do quintal de casa ?
o universo onde tudo bastava ?,
agora não anseia por mais nada,
além duma casa de novo
com aquele espaço enternecido
de simples maravilhas,
que abriga um lar no interior,
onde as coisas banais são
preciosas demais
e a maestria das asas
duma borboleta regozijem
em sua mente numa fantasia
de desejo e paz.

Essa criança crescida,
que percorre um longo caminho
brincando de ser grande,
não vê a hora de voltar para o jardim:
O conforto ? aconchego iniciante.

Qual é o seu sonho?

Às vezes o meu sonho é estar deitada e dormir;
Às vezes é caminhar na brisa leve sorrir.
Dias em que é ouvir música
sem dar lugar para a vida frenética
ou escrever desejos infinitos que não cabem no peito.

Não sei o que de fato há dentro de Tudo.
Muito menos o que cabe aqui.
Se pudesse só escreveria.
Escreveria por uma vida,
pela minha vida.

O avesso de todos, de Tudo.
Sonho com ser um caleidoscópio d'ouro.
Outro. Outro sonho.
E se eu fosse do tamanho dessa esquina?
Infinita que tão finita.
Ora, isso eu já sou!
E se eu...

Na verdade, o meu sonho não se encaixa.
Neste **Tudo*, ele desen(caixa).
Sonho em ser o que não me pertence,
talvez por isso ame ler.
Não sei dizer. Só quero ser.

**Tudo está se referindo ao mundo*

Soprar no Vento

Acordei e deparei-me com uma cidade solitária.
O vazio muda as pessoas.
E o vento anda para lá e para cá carregando
a alegria e a tristeza delas pro lugar onde
deveriam estar, ou ao menos, deixam estar.

Os ventos vêm e vão;
sopram, flutuam.
Rodam numa dança somente sua.
Agora que estamos aqui, sentimos
o balanço intenso e enternecido nos levando.

Estamos indo para o lugar
onde deveríamos estar.
Vamos soprar para soar.

Soprar essa melodia que só
nós reconhecemos e entendemos;
Soprar a rima que só essa
alma atordoada embevece...

Sou um pássaro que não sabe voar,
me ensine a ser, como Tu, leve e me leve!
Cansei de cair e ferir-me com a neve.

Oro para achar o caminho certo.
Desejo que isso me leve.
Só quero soprar e nas Tuas mãos segurar;
finalmente descansar.
Um final para tudo isso. ? Quando eu soprar.

Derivar - Urge viver a minha vida (gotta live my life and shine my light)

Derivar do impulso humano.

A fragilidade da arte; o encanto.

Canto no enquanto.

E amo enquanto ando.

Colorido, mas triste,

corporizo a felicidade

e anoiteço com a tristeza

desmotivada, desfeita.

A mistura do momento

marcante de brilhantes,

é como a borboleta,

encantadora e fugaz.

Aí se escondem os mistérios

mais bonitos, mágicos ?

produto híbrido e desafiante,

que constrói na alma

e no coração algo inquietante.

Nessa altura como remédio,

debruço-me no retiro do mundo

maternal das águas claras,

Me retiro do mundo por instantes.

Jogo esse ¹dualismo nas fronteiras

difusas, nuas, encarando os

nossos novos horizontes,

abertos, lavados.

Derivo da mente purificado.

¹ René Descartes (filósofo e matemático) propôs o dualismo das substâncias (que seriam uma entre

duas coisas: res cogitans [coisa pensante] ou res extensa [coisa extensa]). Para ele o espírito e o corpo seriam nitidamente distintos. Espírito e matéria constituiriam dois mundos irreduzíveis, assim não seriam nunca uma substância só, mas sempre duas substâncias distintas.

Soneto da Realidade - Sweet Blood and Tears messages

Como um abismo que vai e não consegue parar, eu sou;
tangendo o inadequado da musicalidade metafísica,
rebelando-me aos excessos do mundo que,
repleto de modernidade, perdeu o 'instante'.

Como sendo um elemento que aguarda e que pratica
essa 'abertura hesitante' assisto e tento afastar de mim
essa dimensão empoeirada. Quero o que guardo, tento
evitar, por vezes, a deformidade da vida que me aguarda.

O encontro é a existência perniciososa dum êxtase de submissão
de tirar o fôlego com as inocências manifestadas
por um otimismo quase imaculado que me é dado;

É uma espécie de apaziguamento que sela a separação entre
ambas as dimensões: o eu que deambula lúcido e a realidade
que cega. Sendo ambas doloridas, porque ambas são a vida.

Reflexões de um período de lua cheia e interior minguante

Eu hoje gostaria de escrever um texto, um que fosse verdadeiro.
Na verdade, mais que isso: algo que fosse permanente,
que eu não esquecesse, que fincasse no coração, não só na mente.
Queria lembrar que cada campo de flores em que me imaginei
era como o lilás cruzando a relva fugazmente,
cada flor de lá, no final, era uma vitória.

Esse é o abraço confortante que alcança o seu
ápice de calor em tempos frios ? passa sussurrando
gentilmente me fazendo lembrar das flores novamente,
quase que vividamente. *Eu toco as memórias, mas
não posso prendê-las nas minhas gaiolas.*

Descobri que é possível ser feliz, carregando gentilmente um
coração ¹(in)feliz, mesmo sendo uma borboleta de luz azul isolada
nesse mundo. Por ser azul, capto o azul universal, na melancolia
do esplendor: a lua segue intacta iluminando à costa do mar ?
é a vida acontecendo de novo. *Tudo que eu quero precisar.*

Sinto que eu sonho muito. Vivo muito. Penso sobre tudo, sobretudo
no ideal utópico. Ainda, não (des)escrevo todo esse mundo.
Escrevo pouco, como se fosse, antes de tudo, mudo nas mãos.
O pensamento é tão transitório e efêmero para recuperá-lo
em palavras e formá-los mais uma vez com as mãos que,
o que resta, muitas vezes, é a morte desse fugitivo.

Por falar em morte, morrer é preciso. Tão preciso!
Reconhecer o que segura todo esse tempo, abrir os
seus olhos por um momento para perceber as mentiras
que se escondem por trás das coisas dormidas,
normalizadas e volúveis. Beba. Beba até encher-se com
as dúvidas valiosas, só assim é possível notar o que te

envolve, socorre, abraça, acolhe, cobre, alimenta as flores que murcharam e caíram pelo caminho; recolhe.

Recolha-se. Encolhendo-se e abrindo nova colheita.

Ultimamente, tenho sentido o quanto é difícil perfurar por longo tempo a realidade. Uma linha tênue: necessidade; vacuidade. Tudo muito raso e breve. E aqui permaneço. Eu que ando em vias frenéticas querendo compartilhar calmarias e ventos suaves. Nessa linha (perdido-eu) as constelações se perdem, na porosidade da pedra; nas lágrimas que regam a flor.

Tudo muito difícil. Assim como a semente que ninguém nunca plantou, preparou, cuidou. Sou qualquer coisa deambulante nos ventos ásperos, tentando permanecer na flor. Fixa. Desenvolvo o meu ser até encostar na raiz. Repouso na garoa da noite. Aceito no meu fulcral o escurecer. No fim de toda a oposição, uma dúvida entrava e uma resposta canta, sem que sejam ditas palavras.

Tive, esse tempo todo, que nunca passou, saudades de mim. Mas sinto que estou me despedindo de alguma cicatriz. Sei que algo, agora mesmo, está morrendo em mim. Deixando de pairar sobre mim. Evaporando na porosidade da vida ? Existência. Inalar e exalar.

Vou para qualquer lugar que seja esse lá.

¹trocadilho com o significado da palavra 'in' no inglês que passa a ideia de estar 'dentro dalgo', nesse caso dentro da felicidade na sua forma pura, ainda que no português esse significado também carregue o peso de um pouco de infelicidade ? (in)felicidade.

Gostos e Afinidades

Eu gosto das montanhas
porque elas não falam,
mas permanecem contidas
nas formas do que é seu.

Eu gosto das folhas das
árvores, porque elas caem
em silêncio fraterno, calmo
e numa lentidão quase que
eterna; como uma reza.

Eu gosto das flores,
porque elas não ensurdecem
a relva, a flora, o verde,
contudo, se contentam
com exalar um perfume
que nunca foi só seu.

Lembro do teu e do meu.

Eu aprecio a grama pelo conforto
que gera, pela causa que espera
para poder crescer.

A natureza sempre me ensinou
sobre ser algo assim
tal qual eu.

[Assim, refrigerada e natural.]

Porosidade - Apperzipieren (perceber)

Desbotando as cores até aproveitar o melhor do seu vívido tom.
Sugando a '*coloratura*' dos pingos que restam na paisagem
inteirada, empoeirada, donde só aparenta não sobrar mais nada.
Contudo, há sempre algo. Algum resquício do inefável que me
sonda e analisa interiormente; arrefecendo o calor dos
movimentos bruscos; restaurando a brisa sutil e o verde musgo.

Quadros de casa com rostos que vão envelhecendo conforme
o tempo cria mais segundos... e não para. Nem mesmo em mim,
pois em cada pensamento o segundo é traspassado, mas não me é
roubado; não posso paralisá-lo, pois fazê-lo ter um fim é
pôr um fim a mim mesmo. É um defeito bem-feito.

Sinto saudades desse lar de sorrisos afetuosos que me abraça,
enquanto paio sobre todas as reminiscências desse estado
que me dissolve no entardecer, como se estivesse começando
a amanhecer, a construir nova cidade, sentindo nova alvorada.
É uma entrega natural que só o amor é capaz de carregar.

O amor no nosso peito pelas pessoas, pela vida breve, pelo
céu que verte os ventos frios da noite escura em aves que
cantam pelo cais da eternidade. Sem nada que fazer
tentamos contar as estrelas e esquecemos o pensamento
noutro lugar. Deixamos cair o braço e abrimos os olhos
das coisas perdidas.

O silêncio da onda que se ergue no mar é desprendido ? abre-se.

É exatamente nesse jardim secreto que a porosidade da
palavra se esconde; refugia o eu refugiado; refulge; surge
como fonte; urge no onde da alma e não me esconde nada.
Ela cria imprevistos que o poeta vê; impressões sublimes,
admiráveis aspirações que transporta tudo que está aqui

dentro até que tudo isso transborda. Na porosidade não existem mais bordas, limites ou formas tortas. Tudo advém.

Aporta. À porta estão as recordações que choram, mas são já incolores. A cor já se desgastou. Aporto o novo e o seu final; Aborto a fuga. Fico e findo. A existência da porosidade é reflexo dos pensamentos que vieram. E nós? Partimos campo à fora. Agora o campo já se desmanchou e o pensamento foi-se com os ventos perdidos.

Corpo Imaterial

Derivar do impulso humano.
A fragilidade da arte e o encanto.
Canto no enquanto.
E amo e ando.

Colorido, mas triste,
corporizo a felicidade
e anoiteço com a tristeza
desmaterializada, desmotivada.
Desfeito. Agora tudo está desfeito.

A mistura do momento que se
sobressai, brilhante, produto
híbrido e desafiante ? feito
de alma e do coração alarmante.

Nessa altura, como remédio,
debruço-me no retiro do mundo
maternal das águas claras.
Jogo-me nas suas fronteiras difusas,
nuas, encarando os nossos novos
horizontes abertos e lavados.
Derivo d'alma purificada.

Espalhando desejos, lágrimas e flores (tudo cai em minhas mãos)

Eu quero deitar num ambiente mais vasto e
mais livre, caber em cada gota do mar, segurar
algo menos tépido e menos sério. Ser o
sentimento avassalador do entardecer ? avoar.

Que seja velho, mas feito de natura.
Que irrompa e distinga a natureza do
mundo e da sociedade das coisas atuais
quando a chuva começar a molhar a cidade.

Os sentimentos de alguém...
O ônibus que foge para uma cidade distante...
Tudo em menor dimensão aflora. Aborda.
É o fim da estação e pétalas espalham-se.

Eu quero constantemente mergulhar no
que havia na estrela que ainda não
despontou; raridade banal escondida;

Ser levada pelo esclarecimento da
lamendoeira; tocar o brilho do azul místico.
É preciso solfejar ? escrever para tocar a vida.

Favoritar as circunstâncias quotidianas
com a suavidade insistente e lívida. Amá-las.
Não se esquecendo de cuidar do que é.

Apagando os passos tristes, olhando para
o céu e fazendo contato com Quem faz o
meu coração bater aquecido de novo.

Eu vivo para designar a mim mesma a
2'porosidade' inesgotável desta vida que é
lei-raiz. No fim do dia, não escapo do que sou.

Os pequenos detalhes imprecisos e ricos...
A mão que quer enxugar a lágrima...
O vento macio que percorre.
É o fim da estação e lágrimas espalham-se.

¹ Amendoeira simboliza o ato divino de velar, vigiar e proteger, conhecida também como a "despertadora", por ser a primeira a anunciar a Primavera. Precisamos fixar os olhos na amendoeira espiritual, principalmente nos tempos difíceis, quando os relacionamentos, os planos e os sonhos parecem perdidos...

² A porosidade assume o significado da metamorfose contínua ("inesgotável") da pedra, que é a vida neste poema, que vai liberando os seus poros e evoluindo ou decrescendo.

O mundo é você

Quando movo meu dedo
a chuva para,
pois a chuva
sou eu.

Eu tenho o mundo
nas cordas
da minha
alma.

'Limbo', mas não
choro sozinho.
intensidade
isso é só.

É aí que está o tempo;
o significado
só pode estar
em você.

Meu melhor - LIMBO

Emoções que vêm e vão
como a onda do mar
que insurge e no
final quebra. Morre.

Uma noite doce dolorida.
Colorida, mas com sabor
de lágrimas presas.
Repletas de ânsias.

Sou uma fraude. Sou verdadeira
e não sou nada. Faço qualquer
linha caber nos meus passos.

Machuco-me de novo, mas não
é nada. Já até criei casca.
Da cicatriz só resta a recordação.
Sinto-me como um 'limbo'.

Ponho a cabeça e as mãos erguidas
para fora da janela num pico de êxtase,
respirando calma. Posso ver isso tudo
na minha mente. Estou lentamente indo à lua.

Eu seguiria o pôr do sol até o final dessa estrada,
se a vida não fosse mais nada. Esse é o meu
tempo. Mas a vida é mais que nada.

Ainda não larguei o vício de pôr
significados intrínsecos meus
nos outros. Vasculho nos meus
demônios e não sei o que
encontrar ou evitar.

Pulmões que só querem sentir vida.
Cheirar a vida. Viver a existência. Plena.
Barulhos que embaçam tudo isto.
Embarco no sem-sentido.

Eu quero mostrar o meu melhor.
Ser o meu melhor. Personificar
o ideal. Ser transparente,
algo bom e real.

É um corpo de carne e trapos, mas
aqui dentro bate um coração que
se fosse cor seria branco: a junção
do incolor de todas as cores.

Todas as emoções possíveis já
foram aglutinadas aqui dentro,
Agora só resta ser o melhor,
E ele seria.

Sendo o coração meu pedaço,
serei o que no espelho aparenta
ser a parte quebrada, mas é tudo
que eu sou. Meu melhor.

Dança da Energia que Flui – La Pioggia

Queria que essa energia que flui quando escrevo
ou quando penso na palavra em si suficiente
nunca terminasse. Apenas flutuasse sobre mim.
Como a luz da lua sobre o rio, fraturada e crua.

O ganso da meia-noite recorda-me da dança
que não dançaremos juntos.

Sondo a terra dos sonhos, está vaga e azulada,
mas ainda é habitada. Habito nela eu, deixando
o coração romper, dizendo que num futuro próximo
verei você. A ¹pioggia interna que crio. Suspiro.

O amor silencioso é como a canção do vento.
Não me diz nada, mas passa quebrantando
almas. A paleta de aquarela líquida, rala.

As pétalas das flores me ensinam a abrir-me
para a vida, enquanto espero por você.

Carrossel da vida. Numa pequena colina,
assistindo nuvens que dançam por nós,
finalizando a flor que emana amor.

¹ 'Pioggia' significa chuva em italiano

Nuvens (Clouds)

As nuvens são brancas,
o verde canta,
a cadeira na
varanda acolhe.

Os prédios antigos passam
a ter cor durante a
hora em que o sol
mergulha no mar.

O cinza é inexistente no visível.
Um passarinho cochicha-me
segredos. Belos desejos.
Contudo, são os meus.

O que será das nuvens de amanhã?
Ninguém o sabe, mas
espero, com o coração
fraterno e diligente,

que não chova ? permaneçam
assim leves. Quietas.
Intocáveis. Um pedaço
de eternidade.

Ode a Deus

Levanto os meus olhos para o alto, levitando na imensidão do céu azul. Pressinto Aquele que é totalmente desejável. Sinto o abraço dAquele que acima das nuvens circunda e escolhe acalantar a minha alma, por mais fraca que ela seja.

Por mais fraca que eu seja, ao me apegar, sei que a Sua mão me faz vencer. E logo eu quero desejar estar cada dia mais perto desse desaguar de Amor e Graça. Dias difíceis com os seus problemas virão. Sendo assim, peço que envie os seus anjos para me guardarem dos horrores e temores que penetram consumindo esse mundo abaixo do céu.

Que eu faça o que importa: dignifique a vida, subordinando às batalhas e todas estas coisas desconhecidas Àquele que sabe o detalhe de cada átomo que existe, que veste cada lírio de brilho pela tarde ? incendeia a vontade de viver.

Preciso lembrar de não desconhecer a força que ultrapassa os três céus. Visualizar o uniforme milagre do amor, revelar a esperança de viver o amanhã. Deixar ser conduzida pelo Amor, tocar a expressão-viva que me traz a nítida sensação de refúgio que não se desprende da realidade.

Olho para o horizonte, concluo que todas as coisas necessárias para a vida são, na verdade, uma só. É inevitável. É manhã de luz. É glorificação de vida. Amor, Graça, Leveza, tudo é Vida - ¹Atua.

Com os pés fincados no chão, ansiando pelo o que é superior ao azul de todo o céu, aqui, imersa nesse lugar limitado, peço pelas asas; não quero entender as multitudes que me cercam, apenas quero a revelação do retrato de casa. Leve-me para casa.

Um dia vamos todos para casa.
Vamos ver o Amor
que fez todo o impossível ser real.

¹Em samoano 'Atua' significa Deus. Utilizei esse vocábulo por fazer ligação com a palavra atuar em português, querendo transmitir a mensagem intrínseca sobre o caráter de Deus - um Deus que age, que atua no Universo e por nós.

A Cegueira Clara

Os olhos que acreditam poder ver tudo nitidamente, mas o que se vê, entretanto, é a cegueira na sua forma mais realista, implacável e objetiva. É a brancura que cega, a falta de percepção dos contrastes, a visão que já foi tomada e, por não o saber, não sente a angústia pungente de ver o incolor com o seu brilho massivo. De modo contrário, a alma ignorante e perdida, de maneira súbita, permite que a mancha da cegueira faça-se visão completa e única.

Por essa razão, mais do que nunca, vive-se num mundo repleto de cegos que se julgam dotados de visão iluminada, cegos que temem uma suposta escuridão' que, outrora, num mundo de cosmovisão, límpido, seria a verdadeira luminosidade. Tal ideia passa a ser devaneio universal absoluto.

Olhos limitados a ver a luz morgada da lâmpada amarelada e velha. Mas não se dão conta, para eles, essa é a luz-verdade suprema. Enxergar, aperceber-se e notar o difuso ? o que é noite e o que é alvo ? soa como uma mensagem ingênua e desprezível para os cegos covardes.

Impelida pela esperança absurda de restaurar a visão, lavar os olhos com a imensidão do real, do que é, sento-me nessa terra pueril e, aparentemente, inútil, lançando gritos silenciosos aos ventos, audíveis para quem quer ouvir. Implorando amarguradamente pela mundivisão tomar conta de todos os olhos na sua forma original. Refazer o equilíbrio com o que é realista, resoluto e inequívoco.

Esses olhos cansados e escuros transportando um caimento lúgubre estão cansados de carregar o peso da sensatez, de abdicar, calando-se em tempos onde a sua fala é urgente, mas não é a chave para a massa cega, desobediente e inflexível. Sustentar a lucidez é sustentar o que é intangível e, por si só, insustentável.

A sustentação nunca deveria ser o alvo, senão a contemplação, objetiva e verdadeiramente clara. A legião consome a fulgura definitivamente cega.

E eu vivo, no meio disso, afixando as 'ilusões' reais pelos intrusos que bebem do cálice lícido.

O Mundo não está perdido - Dorme meu filho

O mundo poderia ter perecido.
O mundo quase se afundou.
Mas há muita vida ainda, querido.

Retrospectivamente, viveu-se
num estado de loucura absurda.
Contudo, agora, noutros tempos,
noutras sinfonias, tendo mudado
as notas, a vida criou, também,
outra singular harmonia. Toque-a.

Sobre o que se faz cala-se, e o
que se obtém admira-se, porque,
finalmente, a loucura está no
seu estado puro, seguro ?
é forma de refúgio.

(A muda da planta muda.
Mudo, eu mudo).

O princípio é uma forma muito
vaga do que me é revelado.
Gradualmente, o pensamento
modela os entrelaços.

O caminho é sempre
reformulado dentro do objetivo
que não foge de mim, ainda
que me sacuda com raiva
e com um olhar revolucionário.

Recordo o que interessa:
seguir a forma interior, ainda

em construção. Estimar o que
está atrás da sombra da lua.

Amar na Corda Bamba

Aforismos de pequenos absurdos:

Eu dançando com você, lentamente,
gentilmente, enquanto o mundo rui,
rompe, prestes a cair em nós.

Nossa sina é segurar apertado um no
outro como a raiz da árvore que se finca
à terra. Nos deparamos com o nosso
mundo à parte do mundo avulso.

Não ficamos espantados, estamos fincados,
mas, a despeito disso, a dança quebra
conscientemente esse desfalque que o mundo cria.

O laço do amor que se fortifica aquém das veias
alheias entorpecidas. Um do outro ?
temos o mundo completo, todo.

[Aferimos que, eu amo você, enquanto o
para sempre durar (se desfazer).]

AZUL

Olho para o telhado do quarto...
Penso que a tristeza é mais confortável,
o sol do outro lado aquece,
mas a lua à noite ¹desmistifica.
Reduz a luz branca ao azul.
O azul é confortável. O azul não
precisa, ainda que possa machucar.

Eu viro para todos os lados
da minha mente na tentativa de achar
o que falta, ou o que possui sentido-azul.
Mas o confortável é pouco.

Eu preciso querer lutar.
Contudo, eu quero lutar!
Com tudo eu quero lutar!
Na verdade, eu quero viver..

No final do dia, é quando finalmente
nada precisa fazer sentido.
O nosso querido azul, íntimo amigo,
acena dizendo adeus, como quem
sabe que regressa logo mais.
Mas também como quem sorri mostrando
que a vida é muito, mas muito mais.

[Por isso as cores do céu só são puramente azuis no seu clímax.
Portanto, quando nascem (no amanhecer)
ou quando morrem (no pôr do sol) elas misturam outros tons ?
outros significados que agregam mais beleza ao azul.
No nosso caso, agregam mais significado à existência de curto prazo.]

A sinfonia, finalmente, está completa.

¹(denúncia um erro)

Como é bom ter o tempo como amigo

Como é bom ter o tempo comigo...

Quão bom é ter tempo de
lentamente folhear um livro;
Escrever devagar, sem pressa ou
medo de errar, admirando
o cenário à minha volta...

? "É um quadro em vida!"

Pôr tudo no seu devido espaço:
quem aprende a aproveitar não perde tempo.
Ganha esse amigo que vai e vêm com o vento.

A todo tempo o tempo é leve;
A gente é que não percebe.
Até na dor se mostra mutável;
A gente é que conta errado e
acaba que o coração esquece...
Langoroso aquece.

Aquece.

Agora aquece.

Põe na alma uma concha quentezinha,
onde o fardo não é erva daninha,
são espinhos de rosas que cintilam.
Sangram tudo que há de bom.
Mar em sangue de tudo que há de ser.

Põe na alma uma canção de perseverança,
enquanto a esperança avança,
para que nos dias em que
não houverem lá muitas bonanças,
o coração carregue a gratidão
e a força do que foi e do que será.

Em direção à linha de chegada vou sempre.
Por onde passar lembro-me do sol que há
para admirar e se alicerçar ? a existência
emergindo como o sol que se levanta
n'alvorada e mergulhando nos lençóis
do oceano como quem se põe a dormir.
Como é bom ter o tempo
como amigo do peito da gente.

Manhã que se faz

Uma manhã que lentamente
começa a construir-se.
Um café quente como as ondas
de raio de sol dos dias
de verão na varanda;

Páginas de um livro
tão velho que tão amigo,
sendo folheadas,
lidas com carinho.

Uma gota de café que nele cai
e forma a desarmonia.
? Ó vida cheia de (des)graça!

O pássaro avoando por todo lado
canta, como quem ri da situação,
e num desencanto que encanta
um tanto desfaz esse reclamo.

Olhos na natureza;
Na graça da harmonia
da sinfonia desarmonizada.

Um casinhas brancas,
umas árvores verdinhas...
(Penso em quanta história não carregam
essas coisas simples.)

Pessoas passando,
simplesmente vagando.
Vejo rostos diferentes
e vidas diferentes ?

almas com os mesmos
dilemas. Risos e problemas.
Todos alunos da mesma
vida que hora ou outra rima.

Um verso à solta;
Uma palavra à volta;
Uma linha ao vento;
Um texto insólito.

Respiro e penso em Deus...
Agradeço pelo ar, o respirar...
E nesses instantes a manhã se faz,
emoldurando o seu belo quadro
nas veias do tempo da minha mente
de belas memórias carente.

Infância Eterna atrás do pensamento - Mother's Room

A imperturbabilidade absoluta que desdenha da inquietude e desenha uma amigável franqueza, à medida que o sol precipita-se nos mares.

Ignorando angústias (que nunca entraram na minha mente), desencadeando rios de tranquilidades dignas. Provérbios e sofismas.

Lembro-me de minha mãe, a força e a resiliência, com as suas falas imperativas e abraços quentes. Interligo à lembrança a imagem de meu pai ? pequeno em estatura ?, mas com um coração gigante, carregando o seu sorriso contagiante e histórias que costumava contar por horas...

O que guardo disto é delicado e franco ? não é palavra: é arquipélago de doce infância.

Quando quero falar com Deus também finco-me nisto: ser brando; ser o 'enquanto' que encontro.

A rede que balançava o que hoje são memórias, o violão velho que tocava os passeios das noites recheadas em Jatobá... ? era um sonho-real.

Algumas circunstâncias são como uma flor desabrochada, que formam base para outras que ainda vão trocar de vestido, como se estudassem o Futurismo.

Por isso, decididamente, sinto que não estou perdido ? a despreocupação é um dos caminhos. Tudo que é Amor cresce atrás do pensamento,

dorme na memória e constrói sua casa no peito ?
o que é perfeito.

Saber Viver - Carta à 'lifetime' (enquanto a vida durar)

Sentir falta de algo.
Agradecer por ter algo
em que se apegar;
Abraçar a recordação
quentezinha.

Ter certeza da vida;
Não querer morrer ?
ser semente plantada,
regada e reerguida.

Aprender com a água
que corre entre as pedras;
correr como a correnteza,
trazendo beleza.

Pensar em tudo e pensar
em nada; Inalar o céu
com o olhar ? (re)encantar.

Andar equilibrando-se na
corda bamba da vida; dirigir
a corda do violão que quebra;
tocar a banda noutras
bandas ? aventurar-se.

Escrever cartas a si mesmo;
gastar os '*eu te amo*'s com os
amigos queridos, preciosos;
Pintar uma casinha branca
com todos eles dentro.

Aprender a lidar com os

encontros e despedidas;
Reter o que for melhor
dos nossos pais.

Devolver todo o carinho que
receber; Anunciar o que está
por vir; querer a felicidade;
Dançar na chuva até o sol volver.

Gostar e respeitar o seu lugar
comum; Aquarelar o seu dia a dia;
chorar os oceanos que forem
precisos, desaguando o riso.

Sempre aguardar o Segundo Sol;
Formar palavras ao vento no papel
para lembrar; Fotografar as árvores
de outono e os ¹beija-flores.

Não fingir, ser ²Esfinge;
Não querer o mal de mim ?
(re)conciliar. O vento ergue-se,
então eu devo tentar viver.

Ser sozinho e ser amigo;
Aqui e agora. Você bem sabe...
Mas eu apenas queria que você
soubesse disse de novo e, para
todo o tempo da sua vida, registro.

¹Beija-flor: significa beleza, alegria e representa a magia da existência cotidiana, cujas características relacionam-se com o tema da poesia.

²Esfinge: são monumentos construídos na entrada dos templos e pirâmides egípcias como símbolo de proteção e segurança ao local, evitando que estrangeiros ou saqueadores pudessem acessar as áreas internas, desta forma, quis fazer alusão à necessidade de, não ser apenas "aparência" para o

mundo exterior, concretizando o objetivo de nos mantermos fiéis à nossa "essência-potência" interna (como diria Platão).

Flagelo - Ilha em Chamas, Coração que Canta

Um flagelo de memória.

A música que ouvi e não volta,
que não traz a mesma sensação.
Cada fecho é um fecho diferente,
pois é natural o sentimento e a criação.

Graus de claridade. Sonhos lúcidos que
despertam viagens, sinto os resquícios,
toco as muitas imagens-vontades.
Lembro da ponte que conecta o rio e
concede o meu desaguar só de nela pensar.
Como ela sou fincada e transversal.

Contudo, não possuo o mesmo concreto
de alma. Como a música, sou desamarrada
e resoluto. Estar no flagelo de memórias,
essa ilha onde as águas são lembranças,
e consumi-la, enquanto me queimo.

Porque sinto a chama, porque sinto arder,
sei que estou viva. Portanto, ainda há um
rio cheio de viver, mesmo no flagelo, na ilha.
Quero consumi-la, ela que me queima,
até que se desfaça no meu viver ?
findar a chama, reviver a vida.

O barquinho que vai e cai

Há um barquinho bem longe no horizonte,
divagando como eu nos meus sonhos.

O barquinho está vazio,
então confirmo que ele de fato está vagando.
O reflexo da água desenha um
espectro do barco diferente ?
mais terno e claro, mais raso.

Na superfície só se sobrepõe o raso.
Contemplo a beleza, mas a acho sem fôlego,
não me intui nada. Falta a forma significante.

Aprofundo-me no barco.
A imensidão do seu vazio é o que mede o seu tamanho.
A imensidão do barco é apenas o seu nada simplório.
Ele diz muito, como quem só paira sobre a água.

Há um barco. E ele faz parte do todo.
Da água, da árvore que cria sombra
e do dirigente inexistente.

Há um barco,
que no reflexo é só um barquinho.
O barco sou eu.

Poema das insignificâncias significativas - Vida

É quando olho para o céu
e vejo astros solitários,
perdidos num brilhante compasso,
E a lua que continua no seu lugar
em conjunto com as estrelas
que morrem para brilhar;
É quando não entendo o que sou...
Ainda olhando aceito o que não sou.
Há tempo de transformação.

Como aquela vasta escuridão
e brilho tempestuoso sigo, alheio a
outros olhares. Vago, à insignificância
das grandezas; colho do que
é pequeno sua tamanha grandeza.
Amando inteiramente a pequenez
que passa despercebida do mundo.
Confundo os sentidos.
Quero é viver em paz.
Um festim sem mais.

À toda existência em mim
insignificante dou letras de vida.

Pensamentos Deambulantes

Depois do amanhecer a lua morre e o
'eu' invade um mundo estrelar.
Não me importava deixar tudo isso.

Pelo menos em troca da necessidade
de não ser inacabado, não precisar ser
essa enorme massa de plasticidade.

Desisto de pensar, pensando
inconscientemente. Performo no
"progresso" que não gostaria de estar
vivendo. Antes apenas perfumar.

E pensei sobre outra vida, outro eu,
outras coisas, o que ninguém escolheu...

As ¹andorinhas são tão sensitivas...
No inverno vão-se para onde o
acolhimento meigo as abracem com
o calor uniforme e desprezioso.

Queria eu ir para o meu lugar-abrigo
sempre que o inverno regressasse, a
lua morresse e o amanhecer findasse.

¹O principal significado do símbolo da andorinha é a esperança, sendo também uma representação de amor, pureza, primavera e metamorfose. Neste poema quis remeter à ideia onde nós somos a andorinha.

Durante A Noite

Porque à noite eu coleciono as coisas das
quais eu sinto muita falta. E é à noite que eu
desmaio na palavra. As sombras deste quarto
lembram-me doutras sombras ? as interiores.

E por quê? Porque é sempre de noite.
As paredes das quais vou sentir falta...
A vista da janela antiga que já me falha à memória...
A nova, que já é antiga e que, portanto, já marcou outro
pedaço de história. Aos detalhes sou devota.

O piano imaginário que eu tocava agora dói...
Quando o sol nasce e se põe eu me lembro sempre...
Para os outros estes serão apenas barulhos,
para mim, pedaços em mim ausentes e assentes.

Soneto da Chuva

Uma neblina bem no alto da montanha põe-se
à porta. Durante todo o inverno espero
algo e não vem ninguém. Os pinheiros
ao vento ressoam em silêncio gentil.

Escurecidos exclamam a saudade de outrora,
achada na felicidade atual de alguém
que já se pôs sorrindo atrás da porta...
Casas decaídas, enfileiradas, uma esquina.

Ando com passos preguiçosos, ouço o piano da
chuva que cai. A chuva reflete reflexiva na poça
d'água. Entre muitos pensamentos e nenhum.

O mundo parece acontecer bem devagar. Meu corpo
é muito pesado; continuo no declínio a passos fracos.
Murchei no inverno e a primavera envelheceu sozinha.

Antes de Dormir Pensei: Um Devaneio Coerente

Um empecilho muito claro e visível afetava
o meu ser e era triste de ver. Uma história
que não interessava nada. Enxugando as
lágrimas tentei sorrir, enquanto a música da
vida tocava e eu em paralelo desafinava.

É cansativo...

É sempre a mesma estrada...

A mesma música. Errada.

Sigo no vento, mas parada.

(Queria estar pousada)

Sinto facilmente o mundo meu e o meu
indigente; o mundo de fora e toda a sua
gente. O tempo anda rápido e as minhas
mãos parecem ter parado... Há momentos
em que sinto sono de tudo isso.

Uma voz que acalma um coração vagante,
quase triste e velho de sonho. Meu consolo
tal como isso que digo, não é tão simples.

Deito a cabeça no travesseiro e desisto de
pensar. Meu consolo se faz simples quando
ponho as palavras no seu lugar: "mente-branca" e "tábua rasa".
Mesmo que seja tudo imaginário, mesmo que
seja tempo perdido, foi vento apreendido.

No final de um dia cansativo é esse sonho
brilhante que mantém este coração fluído.
Algum dia o sonho passa a ser letra e faz-se
amigo. Por isso, sonhar é viver
e viver é ver.

A estrela queima, eu teimo e volto

No brilho da noite eu encontrei
o significado perdido, avulso
da estrela caída.

Parece ter sofrido e estar perdida,
mas brilha. Emite raios que se
pudessem, cantariam.

Brilha e irradia com uma potência
que só paira nas caídas.
Observo de dentro.

Volto para casa,
já não me sinto solitária.
A estrela queimou.

- Comentário/explicação sobre o poema:

A estrela "*ter queimado*", neste poema, remete ao termo científico de ' **fusão nuclear**', onde as reações de **fusão** são aquelas em que dois núcleos de átomos de massas menores se unem para a formação de um núcleo maior. Logo, a **fusão** nas **estrelas se dá no seu centro**, em **altas temperaturas**. Quando acaba o combustível ? e a **fusão** chega a queimar elementos mais pesados como o ferro ? e o reator **nuclear** é desligado, a **estrela** não pode mais suportar o peso das camadas que estão próximas ao núcleo dela. Ela então explode, num fenômeno chamado '**supernova**'.

Acho incrível a forma esplendorosa e dolorosa de como a estrela tem de morrer para viver todos os dias... Às vezes me pego pensando sobre como quase ninguém atenta ao fato dela brilhar apenas porque queima primeiro. Se fossemos como as estrelas, agarrássemos a nossa sina, enfrentássemos nossos "elementos mais pesados" e aceitássemos os "momentos de fusão nuclear internos", a fusão da vida-vivida com o peso das camadas de não-vida seriam melhores. Eu seria melhor. A estrela que morre todos os dias me inspira e reanima. É o que queima que é vida.

Voo meu

Vou voar.
Vou estar.
Voo no ar.
Estar lá é
retificar os
intervalos
serrados.

Retirar o que
está cerrado.
Voar vou.
Hoje sou.
Sei que sou,
o que sou
no voo que
hoje sou.

[O passarinho
que voa à
noite toda
em busca
de uma luz
para fazer
morada]

? E voou no vento da vida, que na brisa o levou.

Registros Desejados, Cuidados e Diários Transbordando

Estou vendo o sol cair lentamente por detrás das velhas casas. Um avião corta o céu e flutua como se fosse a rota duma nuvem; penugem sem chegada, sem ferrugem ou nada. Passando mais perto estrala um zumbido tranquilo. A estrela é afastada, mas na nostalgia retorna na forma de um amigo.

O amor silencioso afasta-se, firma no firmamento e finda. Vejo o que é ser o esplendor em si: **a disciplina do vento é a vida em poder**. Não basta querer o querer, há de se transver para reviver os olhos estremeçados; torná-los para o seu interior compassivo, que veem o inesperado, o viver ? catalisar-se como um peixe no mar.

E as nuvens quando se desfazem é que começam a colher. A chuva enquanto cai me faz dormir e perceber. Pairar no ar como um último poema. Esquecer a ¹tragédia de Midas. Beber o Amor do quadro em mente, reluzente.

Quando não há outra opção a não ser a monotonia, respiro e crio a consciência do meu sangue: nada é eterno e tudo molha como a chuva. Por isso, não deixo o sol cair em mim, deixando-o. A pintura colorida do que vejo é o Segredo. Não sei o que me espera, mas equilíbrio-me neste Segredo. Sei a Verdade e permaneço nela, à espera.

À ela, que me atravessa e (re)versa, dou lugar confortável, asas e monto um pequeno avião, com ambição de voar profundamente pelo seu segredo descomunal e incomensurável. Mergulhar no mar e não voltar a mesma. Mergulhar no ²terceiro mar e não precisar mais retornar.

¹Midas é um personagem da mitologia grega. Há um principal mito atribuído a Midas: o de

transformar em ouro tudo o que toca, o que torna-se, posteriormente, para ele uma maldição. Quis remeter, desta forma, ao caráter simbólico e metafórico do ouro neste mito à sociedade contemporânea consumista ?"Esquecer que o ouro vigente é ouro" "Debruçar-me mais sobre o Verdadeiro Ouro que nem mesmo o ouro finito é capaz de comprar", esse tipo de sentimento.

²A referência ao terceiro mar é uma simbologia que fiz para explicar a necessidade ultrajante que sinto de ir para casa, um lar que ultrapassa os três céus e tudo que existe no meu visível limitado. Expressar o desejo de retornar ao início ?"Home where I belong".

início dia 10|10|23 às 19:11

término dia 26|11|23 às 21:11

A Utilidade do Inútil

O que é fascinante me leva demasiado longe.

Nas coisas ínfimas sinto a grandeza;
a destreza das montanhas me chama,
eu ouço e espero conseguir alcançá-la.

Quando se compreende a utilidade do inútil,
transcende-se a visão outrora empobrecida,
abre-se para a arte. Porque no inútil descansa a paixão,
a primazia das cores, os sabores sentidos e os sentidos
em sabores; o saudosismo, o abrigo da árvore,
a vida no reino da arte. Chove, mas chove o silêncio.

O momento em que o Homem se elevou
aos animais não foi quando criou a máquina e
a velocidade, foi quando colheu uma flor e a amou.
Colheu duas riquezas inúteis e viveu. O necessário
é tão preciso e precioso. Deter-se nele traz à memória
cama quente, abraços da relva e aconchego de mãe.
Longe da pressa cultivo poesia, umas do pé de laranjeira,
outras atrás da mangueira do pensamento, cítricas e doces,
cada verso engloba um horizonte esperado e o meu hoje.

O inútil torna o Mundo mais belo, a abelha aprecia o inútil,
o elefante aprecia o inútil, o papagaio aprecia o inútil,
portanto, também eu devo estimar o amável inútil.

O inútil da Primavera eu abraço;
O inútil do Verão eu pulo que nem corda;
O inútil do Outono eu caio com o vento e o canto;
O inútil do Inverno eu adormeço e me conheço;

A graça reside na existência do saber que na escala
dos seres vivos, só o homem é abençoado com a

dignidade da inutilidade. Na existência-vida prefiro
gerar o que é útil, modelando as argilas do sonho.

Queda de Morte Súbita - o Eu Hades

Queda de paradigma,
fim sem conclusão,
indescritível, imoral.

Não se olha para trás;
não se vê nem se repara
no quebrado, em pedaços.

O mais perto é uma
etapa inacabada,
a incompletude vaga ?
meramente estúpida ?
de quem escolheu ficar
para trás, no obsoleto
do parapeito, entre os
meios; entre lugar nenhum.

Instaura-se num retrógrado
plano de fundo, vendo a miúdos;
o mundo é concebido
através de lentes turvas.

Ultrapassou-se, mas não
venceu a tépida visão.

Ultrapassou o paradigma,
no entanto, foi através
da ruína do Ser vigente.

É ser cego. Vive-se no espírito
distópico, que destrói a si próprio
devagar, enquanto um disco
arranhado perfura a realidade,

impedindo-o de sentir a lucidez,
impedindo-o de se ver.

A queda termina. ¹Hades morre.

¹deus grego do mundo dos mortos que possui todas as riquezas da terra, mas reside no lugar mais sombrio dela.

Poema do Aleatório Significativo

Afastar.
Formar;
Findar.
Afinal,
firmar,
firmamento,
fórmula.
Força.
Gota;
ouça;
zumbido
doce
trouxe
tranquilidade
a uma alma
na cidade.

Perambular,
petrificado
pela porta
plena que
permeia
o entardecer:
pondo-se para
outro princípio.

Reflexões breves de final de ano

Garoa de sentimentos
para este fim de ano;
Garoa de sentimentos
nesta época sublime do ano.

Esqueço do tédio, do choro
e de tudo que é morno.
A iniciativa das luzes põe em
mim o espírito esperançoso.
A garoa de sentimentos paira
e eu reparo no enquanto que une
todo um mundo, mais uma vez,
como nos tempos antigos ? universal.

Aguentar tudo para viver esta época
abraçando a minha garoa de sentimentos,
desejando o melhor, esperançosa pelo melhor,
em conforto e gratidão por tudo que há.

Garoa de sentimentos,
eu vejo famílias e os seus cantos;
Garoa de sentimentos,
que possa esse momento se repetir.

2023-24 - O Fim e o Começo (Novo Ano Novos Eu's)

Distância, silêncio e paz.

O ano termina e um eu finda,
outro remenda-se e o restante

aprimora-se. O fulgor que

ascende aos céus quando

os fogos são disparados é

o que desejo manter no intrínseco

para renascer e relembrar as ondas

maleáveis da vida: os rios doces

e os mares tempestuosos.

Esperança, perseverança e gratidão.

Mantenho o Mantenedor no coração

para mais um ano, para mais uma vida-

existência aprendida e apreendida.

Aonde quer que seja

Manhã de inverno e ventos novos sondam este lugar,
sinto tudo mais perto. O sussurro das folhas traz-me à
lembrança os momentos de chuva já não existentes,
porque tudo passa, porque tudo se desfaz quando já não
há tempo. A visão do céu sepulta em mim a lembrança
de coisas futuras ainda inexistentes, mas que só de pensar
fazem-se presentes. Presentes... a vida, aonde quer que seja,
tem de ser filtrada como presente divino; é vida que deve ser
protegida. E você tem de se proteger agora.

As duas realidades se conectam através dos pincéis velhos
da visão abafada e da restaurada. Você tem que querer viver.
E sentir, e chorar, e doer, e escrever sobre a neve cristalina.
Eu vou estar, no final de cada etapa, onde quer que você
esteja. Eu quero estar onde quer que você esteja. Não se
esqueça: com o passar do tempo alguns são esquecidos,
outros passam despercebidos, mas você é raiz-real que fica.
Se o tempo é como a onda, então um dia ele será levado pela
maré, por isso, viva livremente, deixe as correntes, aprendendo
a nadar na correnteza, guarde o que é bom e faça-se feliz!

A vida continua quando não há ninguém lá.
A vida continua quando aquele lugar especial
se torna apenas uma memória. A vida continua
quando o ideal parece transformar-se numa breve
miragem. A vida não termina quando se tem medo,
no entanto, ela segue seu ritmo inexorável, de ida.

E qualquer espaço é sentido como casa, se
nele penso no meu lar. E por isso eu quero ser melhor;
quero fazer melhor e seguir essa ida sem arrependimentos,
para estar onde você estiver ? no amanhã. Seguro firme até lá.
Seguro nesse elo único, como se houvesse apenas o hoje.

Às vezes a lua me diz para continuar perseguindo este propósito e então me lembro do porquê estou vivo.

Ouçó a contagem regressiva e confio. Na noite durmo tranquilo balançando sonhos que ao sentir são reais.

Me abraço forte.

A Segunda Estrela

Poderei eu ver a ¹Segunda Estrela?
Acima, à direita, ²azulada, ³branca e ⁴roxa,
à quilômetros daqui?

Tudo que brilha está longe daqui e eu
pressinto o que conta-me os
planos dos sonhos.

A Segunda Estrela é a necessidade.
Resplandece no céu que não é meu,
lidera a noite, esta que é minha.

Quando a hora final ressurgir, os
sonhos não serão mais do que
meras palavras.

Portanto, ame a lua; morra com a
Estrela Primeira e abrace a
noite deslocada

Até lá, espero que a Segunda
Estrela cruze logo essa noite
e desponte perfurando-a.

[É uma certeza que quero que
desejo que aconteça logo.]

1. Segunda Estrela: esse termo faz referência ao renascimento pessoal, ao ressurgimento individual das trevas à luz, ao desenvolvimento e crescimento. Ao encontro próprio com céu, o divino, a proteção, a esperança, o desejo, a renovação, o equilíbrio e a sabedoria.

2. Azulada: refere-se ao estado intrínseco de melancolia, espiritualidade e reflexão constante que levam à harmonia em mim.

3. Branca: designo como branco a estrela que é radiante e luminosa, sem espécie alguma de dano. Tudo que é puro e bom, doce e terno.

4. Roxa: aqui faço uma mistura de conceitos linguísticos: "Borahae", em coreano, é uma mistura de duas palavras coreanas, "bora", que significa roxo, e "saranghae", que significa eu te amo, sendo essa junção criada por Kim Taehyung, para expressar o conceito de amar e confiar por muito tempo, porque roxo/violeta é a última cor do arco-íris.

5. Estrela Primeira: aqui ela significa as primeiras dificuldades, os tormentos e problemas que existem antes do nascimento da Segunda Estrela. Esta precisa morrer para o nascimento da segunda.

I KNOW WHERE THE RAINBOW HAS FALLEN (Eu sei onde o arco-íris caiu) - Fantasia da Infância

O lugar onde o arco-íris caiu
que ninguém viu, mas eu conheci.

Há muito tempo, num lugar pacato e cheio tempo,
que abrandava o escuro e onde o bravo sol enternecia
as mentes a cada manhã. Era lindo e singular.
Era ouro construído de momentos ricos.

Um espaço-tempo fantástico de fantasias contidas
em lágrimas e sorrisos puros. Naquele tempo, não
sabíamos o nosso rumo. Não esperávamos que o
arco-íris fosse o caminho disso tudo.
Eram muitas cores entretidas num só rumo.

No final disso tudo, ele caiu. Lindamente, mas caiu.
E eu lembro-me da marca que em mim deixou,
como o verão que cai para um outro que virá de novo;
O poente que morre dando vida à lua nascente.

Arco-íris surgem.
Arco-íris passam.

Arco-íris regressam quando a chuva e sol em harmonia
convivem. Eu vivi lá. Eu o vi. E carrego esse ensinamento
n'alma: o ouro do arco-íris é a vivência aprendida em
todas as suas cores vistas e apercebidas.

Diary – fragmentos esparramados

imagine-se
feito de cor;
rabisque-se
com lápis preto
ou incolor.

criação, crie!
este é o seu
mundo, com
amor, temor,
pudor e dor.

mergulhe em si,
você que é feito
do que seja
que for.

alma ambulante
encontre o seu
ritmo, avante!

porque a vida
é o seja o que for.
? 10/08/23 às 1:26

a lua azul,
o lírio do vale,
o compreender,
o fazer da vida
sem correr.

vi ? e ainda

vou ver ?
esse é o
viver.
? 10/08/23 às 1:21

saindo para adentrar na existência.
ênfase de portas que
enxugam lágrimas.

tudo que foi perdido foi um ganho.
finalmente, vamos de volta
para casa.

ao meu lar.
lá.

lá de notas,
lá de adjetivo
e lá de não mais lamentos.
lá num outro acorde
harmonioso e contente.
? início 10/08/23 às 1:21
fim 14/01/24 às 23:50

quando disse aquelas palavras automaticamente as apaguei.
foi como poeira. só tinha de passar de fora de mim e incomodar outrém.
indo pra casa. lua santa, alta. canção de ninar. esquecimento. obscuro esquecimento.
para você.
? 19/12/23 às 1:09

pedaços pequenos do que
não quer ser grande, não
pretende fraturar, desmontar.

contudo, como todo pedaço,
anseia por ser dado como completo,
ser molde não colocado ao lado.

sempre o mesmo.
sempre zunindo e
sumindo, o vagalume.

desejo que não morra.
viva, nenúfares negros.
lírios fraternos d'água, viva.
? 10/08/23 às 01:19

deixar ir, deixar ser...
é a vida de novo. novo.
noutros outros.

duma 'intro' para um 'outro'.
? 19/12/23

Viver é Ser.
S entir
E errar
R econhecer
Viver e Ser.
? 19/12/23

eu vou lembrar de esquecer coisas
durante o verão
e vou esquecer de lembrar doutras
durante o inverno
? 15/12/23

nas profundezas do oceano
não me interessa nada,
no coração que palpita
e chama a lua nova é onde
está o meu (en)canto.

somos bonitos, mesmo
sem o verão que se foi.

porque nós amamos.
isso é tudo.

c-o-n-s-t-e-l-a-ç-ã-o.

[com amor-ação]

? 19/12/23

paleta de cor de água.
sentimentos.
euforia ou mágoa?

o azul é profundo
ou transparente.

sem uma linha
linear como eu.

paleta d'agua índigo.
a despeito da dúvida,
é doce abrigo.

? 17/11/23

afastar

formar
findar
afinal
firmar
firmamento
fórmula
força
gota
ouça
zumbido
doce
trouxe
tranquilidade
a uma alma
na cidade.

perambular
petrificado
pela porta
plena que
permeia
o entardecer:
pondo-se para
outro princípio.
? 03/11/23

fim.

É preciso pairar com o ordinário

Na brisa gentil do tédio paio sem tentar parar.

É inconsciente e natural.

Pessoas que passam entre o meu eu visível:

um embuste perfeito e o meu eu material...

Que tipo de pessoa eu sou?

Nos olhos alheios qual o reflexo que formulo?

São os reflexos que recebo a resposta?

[Eu estou bem? Por que continuo tão séria?]

A necessidade de avaliar tudo minuciosamente

rouba a graça da existência. Acabar é o que falta.

Falta acabar com os detalhes que não prometem nada.

Deixar que o ordinário seja extraordinário, e que o que

falta seja motivo para perseverar, enquanto o que já

é seja razão para agradecer e caminhar o caminho.

As pessoas que cercam essa zona também

sabem que o tempo é templo?

No meu coração fogos de artifício explodem.

Tudo que está explodindo é macio.

Devastador, mas macio.

O tipo de pessoa que sou

não é pessoa, é rio: pois assim

como é difícil guardar um rio

que corre dentro de nós,

é difícil guardar-me totalmente,

sem espectros ou nuances.

No meu mundo pequeno há uma

imensidão que escusa palavras.

Nesse lugar contempla-se o verde
sem pensamentos. Basta olhar e
aceitar o que se é, o que é puro-verde,
o que morre e floresce cada manhã.

A minha raiz exige o
ordinário e mira no especial.
Essa mesma raiz tem me pedido
muito, mas tudo o que é preciso
para alimentá-la é água e luz solar.
Tudo que é necessário é o ordinário.

Entre o momento-lento e o sono-sonho o poeta veste-se de palavras

Debaixo da cobertura criada pelo sol, levemente aquecida.
Os dias têm passado cada vez mais depressa, contudo alguns momentos se desenvolvem lentamente, ainda nesse instante.

Adormecida entre a penugem do pensamento.
Tudo que é considerável é esquecido, o nada é tão específico...
Naturalmente se esquece de lembrar, para não
precisar lembrar de esquecer e apenas adormecer.

O sono-sonho é amuleto. As linhas espessas pelo nevoeiro que chega são leves. O nevoeiro é denso. Mas no sono-sonho só o vejo em desenho, em linhas num fragmentado espaço-tempo.

Agora o dia está no fim. Encontro, mais uma vez, um resquício de momento-lento e sono-sonho nele. Deslizo os olhos para baixo e só assim enxergo um mundo lá em cima.

Anoiteceu. Estar sob a luz da lua, sob a alvura leitosa do astro, consumindo a brisa que parece levar-me ao mais sagrado do espaço é momento-lento raro. O universo é algo incomensurável.

Dia e noite calar é decidir não ser, não ser é não caminhar, não caminhar é morrer. Por isso o poeta não cala e escreve.
Dia e noite embevece o mundo, seja o do momento-lento seja o do sono-sonho, com palavras. As palavras fantasiadas vestem-me. Esse pano sou eu.

O tempero da vida - azul

o tempero da vida é o sentimento.
sentir que está vivendo.

vida em marte é abismo muito longe,
antes dormir no aconchego duma
rede, a sonhar com os dias bons.

o tempero da vida é o sentimento.
sentir cada ínfimo momento.

máquinas e o "progresso" podem
esperar, mas o coração palpitante
urge pelo surgimento da nova alvorada
que renova, antes de mais nada, a alma.

o tempero da vida é o sentimento.
sentir a ternura do céu acolhendo-te.

beija-flores e infância encontrada
dançam excêntricamente de forma
natural. Tudo conflui, coexiste em
harmonia e é concluído através da
essência, do significado do azul.

Ah!... O terno azul que me envolve.

Se eu não soubesse escrever palavras,
ainda sim teria o azul, o que é tudo.

o tempero da vida é o sentimento.
sentir que está vivendo.

a coisa de maior importância não

são as palavras, mas o sentimento.
felizmente, as palavras entendem o azul.

Por isso, o tempero da vida é
sentir os momentos azuis que
transbordam em palavras azula
das.

[tentar amar o azul é amar-se]

Des(pensar)

Se a felicidade é resultado
da morte dos pensamentos
eu escolho essa recompensa.

Sentir, ainda que se pense,
para levar a vida é, antes de
extraordinário, necessário.

Quando as folhas caem e nem
a árvore ou as folhas fazem alarde
isto é comprovado: sentir e aceitar
o que está para vir é imprescindível.

Tudo é quando você não consegue
dormir. Tudo é quando você está
demasiado acordado. Tudo sempre
será. Por isso, como essa máxima é,
serei também o instante-já.

Deixar ir tudo que vai e já não é.
desapegar das pegadas passadas
que apenas um dia foram precisas.
Na noite este sentimento ressoa.

Avaliar tudo é pensar, e como
escolho a recompensa, morro,
por vezes, com o pensar e sou feliz.

[amanhã penso e depois dispenso
o pensamento ? (des)penso.]

Reflexões sãs e leves como a árvore

Envolta e coberta pelos amigos,
onde o riso é coisa sã, nada nocivo.
O sentimento inócuo que permanecia ?
regado como uma planta na primavera ?
e florescia em felicidade, apesar do
desgosto de sair dela: era esforço não
violento, que sempre existiu.
Outro dilema possível.

O anseio inevitável de (des)crever e
crer para ver e viver a vida mais
humilde sob a luz da lua em Vermont;
vida exemplar por virtude e forte pela
resignação provinda da régia que
moldara o meu ser travesso.

Nos retalhos do tempo estremecei
de esperança; o coração pungente
tropeçou e retornou à prudência ?
desiludido, mas tranquilizado tal
como a árvore em meio ao mundo veloz.

A parte mais luminosa do dia: a calma
instrospecção e conversas triviais com
Deus ? tudo isso alimenta, no final do dia,
a alma noturna e sedenta. Só de imaginar
o som das ondas sinto abraço divino. O
mundo finito faz-se em instantes infinito.

palavra é paz interna, é Amar-se

Nas palavras encontro uma paz singular.
Elas falam-me sem hesitações e custa
tão pouco entendê-las. Sem elas estaria
completamente morta. Nas palavras habita
recolhimento e silêncio. Um universo pleno
de glória que contém um pouco mais da
luminosidade em profundidade. É densa,
mas é expressão leve. Entro em mim e penso:

? E se a paz não fosse 1enrubescer? E se fosse silêncio e recolhimento naturais?
A estupenda e sublime plenitude do jardim de casa, das minhocas na lama?
A semelhança é evidente, contudo na minha paz habita o que não é importante
e no que não há importância descansa o imprescindível d'alma.

Nas palavras a paz é uma vida mais alta, mais
alta do que tudo aquilo que me rodeia. Sem lutar
ou desejar muito. É possível esmiuçar-se e não
duvidar por um instante sequer da absoluta
verdade das borboletas ou aves. Estar
predisposta a ver adiante o brilho da chuva,
assertivamente agir no instante-já e não
duvidar do que se é, do que há ? Amar.
Ainda estou na procura duma palavra
tão agradável e tão doce como mel
e voo pleno de pássaro.

1Tornar-se mais rubro; ruborizar-se, como no pôr do sol o mar se enrubesce. Com este verso quis aludir à necessidade que muitos têm de recorrer ao interior de si ou de algo vermelho (não-importante) para encontrar uma falsa paz.

tristeza é a sua hora - meu embuste perfeito

na noite, tarde na minha inocente cama,
que ajuda a dissipar as dúvidas, vivi já
várias vidas. As agudas reflexões e as
graves recaídas da mente na excitação
da espera. Num estado que fazia lembrar
doutros épocas onde se olhava mais para
as estrelas; agora apenas chore a tua tristeza,
que é força da juventude, porque é sempre
assim para quem os sonhos foram desfeitos
e arrancados com toda a força para a
realidade da dor e do tédio.

Mas a dor é momento, é percentagem de
vida. É parte do inteiro. Um dia a simplicidade
bondosa volta num passarinho cantando pela
manhã escondido por trás dalguma árvore
esverdeada durante a primavera. Por hora,
abraça a inutilidade da sua vida, pois todas
as composições também murcham. Este
período antecede o inovar delas. Não faz mal
ser um embuste perfeito tentando se equilibrar.

o que sou eu - resposta

paleta de cor de água.
sentimentos.
euforia ou mágoa?

o azul é profundo
ou transparente.

sem uma linha
linear como eu.

paleta d'agua índigo.
a despeito da dúvida,
é doce abrigo.

Des(pensar) para Des(pesar)

se a felicidade é resultado
da morte dos pensamentos,
eu escolho essa recompensa.

sentir, ainda que se pense,
para levar a vida é, antes de
extraordinário, necessário.

quando as folhas caem e nem
a árvore ou as folhas fazem alarde
isto é comprovado: sentir e aceitar
o que está para vir é imprescindível.

tudo é quando você não consegue
dormir. tudo é quando você está
demasiado acordado. tudo sempre
será. por isso, como essa máxima é,
serei também o instante-já.

deixar ir tudo que vai e já não é.
desapegar das pegadas passadas
que apenas um dia foram precisas.
na noite este sentimento ressoa.

avaliar tudo é pensar, e como
escolho a recompensa, morro,
por vezes, com o pensar e sou feliz.

[amanhã penso e depois dispenso
o pensamento ? (des)penso.]

Cego na noite

Cego na noite

Venho procurando

O que só foi bom antes

Não há razão nem infinito.

É o relógio monótono.

Mas a morte não é bem-vinda.

Aspirante de madrugada

Venho procurando

O que pode ser bom, novamente.

Dança do Alvorecer (minha aspiração)

O dia e a noite dançam de longe
até poderem encontrar-se no alvorecer.
Queria poder compartilhar assim o mundo.
Tenho aspirações diferentes e na incomensurabilidade
dessas satisfaço-me ? ou pelo menos tento aprender,
para apreênde-las no meus dias; nos meus 19 dias...

Alimento o meu ser do piano branco e de borboletas,
e então o estômago cheio de sonos doces desperta.
Desperta porque é inevitável. O resgate da menina
nas asas do Todo. Rendo tudo ao Todo. É inevitável...

Lentamente, enquanto a paisagem muda, deixo
propositalmente o que ficou de fora dessa sublime dança
isolado. Não é valioso, não desponta do original lar.
Hoje já é mero resquício de lembrança;
é passado é lembrança. Há mais e não há mais nada.

Enxergo uma memória antiga num pedaço de papel.
Não um poema, mas uma fotografia.. ? Os arrependimentos
são proporcionais ao meu sorriso e brilho na foto antiga.
A antítese que é a vida contraposta e cheia de contrastes
a explica por inteiro. O brilho que não deixa de ser escuro...

O dia e a noite dançam de longe
até poderem encontrar-se no alvorecer
Eu posso, então sorrir novamente na espera da dança.
Caminhar o meu coração no trajeto indefinido, porque
no final do dia ambos os "eus" são iguais e comuns sob
a luz acalentadora da lua. Crua e ¹refletida como eu.

? A briza gentil passa a sua mão sobre a minha cabeça,
minha mente despesa o coração; pressinto que é tempo

de dança-mudança. Ele ? o Todo ? toma a minha vida e eu, caminhando nessa ternura, deixo Ser, despontando em direção à alvorada, ao amanhecer!

¹A lua recebe a sua luz do sol. Da mesma forma, eu recebo a minha luz de diversas outras formas de luz e da própria Luz em si. Portanto, ambas refletem uma luz que é dada; não é original e intrínseca, mas sim dádiva que se recebe, o que não a torna menos valiosa, no entanto, ensina a cativar e saber receber o brilho e a luminosidade que a natureza e o seu Criador podem oferecer.

Qualquer coisa especial desabrochou no meu íntimo inconsciente

Nos momentos fraternos parece desaparecer qualquer coisa...
Não sei muito bem o quê e isso me deixa feliz ? a inconsciência é
uma dádiva. Respiro. Repito. Remo pensamentos. Resigno-me.
Uma densidão comum e exuberante é refinada no processo e
conflui em forma de resposta-oposta. Assim nascem bonsais
de fraternidade, leves, cálidos e graciosos.

Qualquer coisa que é efêmera tem seu tempo para desabrochar
muito certo. Não me agrada muito o específico, mas tenho, com
o tempo, compreendido melhor o ritmo-caminho. O ritmo da
música que me é natural transpus para a vida ? qualquer coisa
fez sentido. A palidez do que o olho vê é insubstituível; o azul da
melodia consome e é consumido; ensina, come, mata e ensina.

Não há mais coisas há fazer nos momentos de "qualquer coisa"
especiais ? o inefável é que diz, é como nada, é simples assim.
O relógio me lembra de finalizar esse dia; recuso-me insolentemente,
mas com o coração de quem sabe qual é a resposta-oposta e o
ritmo-caminho natural dessas coisas. Sei no consciente, mas o que
mais importa é o inconsciente no fundo d'alma, atrás do pensamento...

A magia da palavra ? até mesmo dessa que é demasiado limitada
para definir momentos onde qualquer coisa efêmera e luminosa
escapa de forma ludibriosa ? consegue contagiar a alma, fico cheia
delas, mas quando qualquer coisa especial acontece, sinto-me sendo
retirada delas. Voam e somem. Como se nunca houvessem existido.
Conheço-as, mas o meu inconsciente íntimo ignora-as; é um faz-de-
conta sublime. Aprecio o que vejo sem relógios humanos por perto.

Como se o tempo parasse, minha alma sente-se tão acordada que
meu corpo dorme. Paro lentamente. O pensamento voa como uma

ave sobre o mar, engulo todos os desejos e estou. Essa incapacidade de capturar esse magnífico quadro, essa vontade de o fazê-lo e essa minha memória curta, estão todos despejados no inefável do meu coração. Apesar dessa incapacidade, sou grata pela capacidade divina de olhar como quem nunca chorou, a vida que desabrochou.

O Homem Mata as Borboletas e os seus Filhos

A Borboleta não voa porque é uma escolha;
Ela voa porque, do contrário, morre;
No "casulo-infinito" não há oxigênio infinito.
(Este primeiro sequer existe).

O pássaro que canta, canta porque tem voz,
apesar do que o envolve ? a despeito do atroz ?,
urge não sucumbir e fugir à morte. Reerguer-se e
lembrar-se de que tem alguma vida e voz ainda viva!

O urso dorme enquanto guerras estouram;
O ser humano (que o deixou de ser) mata por prazer
e sem saber em nome de quê. A sede por sangue vence os
porquês. E 2ª desgraça da espécie é a sua própria eliminação.

A 3ª Borboleta voa porque faz parte do seu caminho-ciclo,
assim como meu coração chora às rimas desse pensamento
(des)fracionado, onde pesam todos os corações quebrantados,
chora sobre tudo isso que não somos; sobre tudo aquilo que na
realidade deveríamos ser; sobre tudo isso que não deveria rimar...

Sinto e penso sobre o Homem que se matou;
O peso que criou e não foi pro Universo, ficou na Terra e nos
outros Homens; Sobre as crianças que não podem voar por
causa dos Homens que se mataram e se matam, culminando na
morte delas também; Imagino o tamanho de toda a dor
e a promessa que ela não carrega ? pois 4ª não há volta nem glória.

A vida da natureza é impedida, assim como a do Homem que
mais cedo finda. O Homem pisa para ser pisado. 5ª Dionísio
oferece o vinho, o Homem despeja-o por toda a parte. Parece
que a 6ª irracionalidade dadaísta não é só arte, é a nova vida-política.

Existimos e escolhemos desistir daquilo que nos foi dado...
Todos os passos dados no passado "para o futuro" são apagados.

De um lado do mundo: bibliotecas e sonhos;
De outro lado: pesadelos e escombros...

Tudo aquilo que é impedido de voar, morre. E o Homem é
responsável pela sua morte e pela sua 7voz ? por 8ambas as mortes.

E dessa forma o sangue que jorra está
em todo o lugar, em grandes e numerosas mãos.

A borboleta não pode escolher qual é o seu ciclo de vida;
O Homem, podendo escolher, escolhe a morte.
O 9Sangue Inocente jorra desesperadamente.
As gotas formam rios que os céus ouvem e guardam.

Quando chover, a Justiça Divina e a Sina da Terra tomarão conta de tudo.

¹Essa frase ressoou quando estava escrevendo, pois esses últimos dias tenho ouvido muito 'Your Blood' da Aurora (mesma cantora da música escolhida para esse poema), onde na ponte da música ela canta com força "But I, I refuse to die" (Mas eu, eu me recuso a morrer). Uma das escolhas que faço todos os dias. Mas, depois refleti...: e as pessoas que estão lutando para ficarem vivas e não tem liberdade total sobre essa escolha? Um hospital foi bombardeado em Al-Aqsa, em Gaza. Esse acontecimento mexeu comigo.

²Darwin via essa 'seleção natural' das espécies da forma que um naturalista e um menino que cresceu numa família de botânicos veria. No entanto, retorcendo e espremendo esse pensamento ? e mudando também para o âmbito do Homo sapiens [que tem mostrado que não sabe verdadeiramente nada] ?, penso que essa ideia, desenvolvida no mundo moderno e capitalista, de "o mais forte triunfar sobre o mais fraco" fez-nos menos humanos e legitimou, indiretamente, a ideia de triunfar a QUALQUER custo, sendo necessário pagar o preço que seja necessário (neste caso, o preço são vidas humanas). Para Darwin a eliminação de tudo aquilo que era "mais fraco" na natureza era meramente uma 'seleção natural' ? conteúdo científico. Para mim, a nossa espécie ? a nossa humanidade atual ? tem suprimido como nunca a alma humana; tornado-se ferozmente gananciosa e sistemática, fomentando a ideia de nunca não podemos querer estar na pele dos oprimidos ? "não sejam um dos fracos", mas, de modo errôneo, façam como o opressor ? "sejam parte do time mais forte", como se apenas esses dois caminhos existissem.

[Obs: isso não é uma crítica à teoria de Darwin ou à sua pessoa, mas sim uma análise de como tal pensamento foi difundido, dissolvido e digerido pela a sociedade, sobretudo a

contemporânea/moderna líquida e rasa.]

³ Símbolo da borboleta: simboliza a transformação, uma era de mudança e renovação. Representa também o recomeço, a beleza, a felicidade e a efemeridade da natureza. Ao utilizar essa metáfora, o intuito é lembrar que há, ainda, 'Hope through the dark times' (not 'in' the dark, but 'through' the dark) ? "esperança através [no sentido de após perfurá-la e no percurso de estar a atravessá-la] da escuridão.

4 As pessoas que estão morrendo na guerra ? todas elas ?, incluindo os soldados que estão sendo enviados são, no fundo, uma espécie de 'bode expiatório', sendo sacrificados sob o discurso "bem-feito" e "politicamente correto" de "morrer pelo país de forma honrosa"; "honrar e proteger a nação acima de tudo", quando, na verdade, são apenas peças utilizadas por todo o sistema (que são pessoas, claramente) corrupto e podre para satisfazer a sua própria ganância, cobiça e desejos mais obscuros de derrotar e esmagar o outro. No final, eles também não retornarão, logo não há glória e honra em lugar algum, para quem quer que seja. Há apenas o coração de muitos vazios e túmulos espalhados como água.

5 Utilizei a metáfora de Dionísio (deus grego do vinho e um dos mais importantes da mitologia grega) para realçar a ideia subjacente da ignorância tremenda e avassaladora do Homem, incapaz até mesmo de sustentar aquilo que lhe é concedido gratuitamente e livremente. O Homem não sabe, infelizmente, aproveitar aquilo que tem de natural, aquilo que há na 'natura' e que a natureza, simbolicamente representada pelos Deuses, oferece.

6 O Dadaísmo foi um movimento de negação da arte na própria arte (contraditório por si só). Seu objetivo era negar totalmente a cultura, defendia o absurdo, a incoerência, a desordem, o caos. O que está correlacionado, coerentemente, com a ideia despejada no último verso da estrofe: o intuito é reforçar a ideia de falta de sentidos eloquentes no nosso mundo político e também nos cidadãos que criam esse mundo, pois todos nós exercemos política, direta ou indiretamente. Todavia, assim como o dadaísmo, praticamente, nega-se a si mesmo, mais do que nunca, a política ? cujo significado do grego remete a uma comunidade/sociedade que preza pelo BEM COMUM DOS CIDADÃOS ?, não tem sido direcionada para o seu propósito inicial e correto; as decisões não são pensadas e avaliadas corretamente quando são tomadas, quer seja pelos governantes, quer seja pelos governados.

De tudo que é dito por todos esses, quase tudo não faz sentido e o pouco que faz (grande parte das vezes) é mera hipocrisia disfarçada, também, de cobiça.

7 O Homem é responsável pela sua própria voz, mas também, em consequência, pela voz da Morte que alimenta e fomenta, em troca de nada.

8 O homem, por carregar o peso do intelecto ? que, por vezes, parece não existir, ? é responsável por tudo aquilo que mata e destrói no mundo, pois ao matar, mesmo que não perceba, também está a matar a si próprio. Ao destruir a natureza, se destrói aos poucos, ao matar seus irmãos e irmãs, se mata também.

9 "Dahm Hanaki": significa 'sangue inocente' em hebraico. Há uma passagem em Deuteronômio

19:10-12 (NVI) que alerta o Homem acerca da escolha fatal: escolher a morte e não a vida: "Façam isso para que não se derrame sangue inocente na terra que o Senhor, o seu Deus, dá a vocês por herança e para que não sejam culpados de derramamento de sangue."

Recebemos uma Terra, uma herança, ainda que imperfeita, e temos falhado em mantê-la, em protegê-la, em cuidar daquilo que conhecemos como lar. Mais uma vez, temos desobedecido, assim como no início de tudo, e as consequências desse ato, serão desastrosas (já estamos vendo muitas).

Instabilidade

Um mar de afogar-me caídos os olhos.
Prédios que fazem suspirar com emoção.

Às vezes, quando ficamos muito imersos no mundo,
caímos no esquecimento de quem somos.

O céu está coberto de nuvens que
atrasam a manhã. Atrasam o dia.

O tempo passa sem se importar. Tudo apenas passa.
Sem reflexão. E eu permaneço.

A instabilidade do coração é inevitável.
A estabilidade dessa cidade é viável para os Homens.
A imbecilidade é uma série documental.

Não estando infiltrada nos dois últimos, resta-me o coração
feito de tecido quente e os olhos marejados e reluzentes.

O pôr do sol cai mais cedo. E eu também.
Quero manter o olhar fora dos prédios-desertos
para poder mantê-los no meu pôr do sol, o quanto eu puder.

As Chamas Também Respiram

O sol mergulha na noite, as aves voam para longe
e eu sinto a existência muito mais perto de mim.
As paredes registram esse momento bonito-finito.

O meu Tudo e a luz duma vida precipitam-se e
põem-se com o sol para outro dia. O que morreu
já está debaixo da terra, rego agora outras flores.
O jardim muda e se recupera enquanto as estações
caminham como o pôr do sol caminha ? a verdadeira
Égide da Vida. A brevidade, essa fragrância ligeira,
me desperta da vida que traz sono.

Na estrada que escolhi enfrento construções estranhas
e desuniformes (tanto de dentro quanto para fora).
Vejo o que não há: a falta planta a procura ? o que está
perdido dissolve-se na multidão. Vasculho o coração
e encontro-o adormecido em sono profundo.

Tudo que se perde, se perde com um propósito e às vezes
o motivo é ser achado mais uma vez, como algo novo.
Em algum lugar coisas pequenas são depositadas, mas
nunca apagadas por completo, pois a água, a lua, a área
do amor: tudo isso em si continua a existir em potência,
em memória e em reverência à existência.

A construção inacabada
? que também sou eu ?
espelha o sol poente.

O desuniforme atenua a necessidade do uniforme
e o uniforme atenua a necessidade do desuniforme...

Tudo aquilo que há por detrás ou pelo fundo daquelas

coisas é significância insignificante ? os caminhos são tortos e impetuosos; o que há no meio e no agora é insignificância significativa ? maternal, ínfima e residual. A esta última sou devota. Todo o resto não importa.

Arde a vida, esta única de todos, sendo tecida, sendo... Onde a vida está cantando o 4Amor será uma entrega natural e as lágrimas não foram nenhum mal. Limpar o caminho é preciso, construir-se é resultado disso. A falta de forma forma o meu coração. É vida de novo. Arde e Abranda. Chora e canta. A lua ascende no céu e o meu coração agora descansa como uma criança com suas reminiscências.

[e no zunir do vento minha alma chama,
chama em chamas e, por fim, canta]

1 Tudo representa todas as minhas vontades, todos os meus sentimentos e todas as minhas crenças.

2 Égide significa o fundamento, o amparo, o escudo. Na mitologia grega era o escudo de Palas Atenas (a deusa da sabedoria, da guerra e da justiça). O verdadeiro fundamento da vida, o que a ampara, o que defende a nossa existência é esse ato de cuidar do jardim, podá-lo e fruir para fluir com a vida em cada estação. É a sabedoria que o escudo proporciona.

3 Potência, de acordo com Aristóteles, é aquilo em que é possível algum ser se transformar em virtude desse fim próprio. Assim, uma semente é uma potência da árvore. Meu intuito aqui é realçar a ideia de que tudo que é citado após a palavra 'potência' continua a existir se escolhermos não só enxergar, mas também contribuir para que tais coisas sejam fomentadas ? é sobre alimentar a potência interior e esta, por sua vez, conectar-se-á com a potência exterior naturalmente. Uma fusão bela e essencial para uma vida mais plena (pelo menos para mim).

4 Amor, aqui, remete aos 4 tipos de amor que C.S. Lewis descreve no seu livro 'Os Quatro Amores': '*Storge*' (afeto), um amor natural entre familiares; '*Philia*' (amizade), o amor fraternal da amizade; '*Eros*' (romântico), o desejo e conexão entre amantes e '*Ágape*' (caridade ou o amor de Deus), o amor altruísta e incondicional.

Qualquer coisa especial desabrochou no meu íntimo inconsciente

Nos momentos fraternos parece desaparecer qualquer coisa...
Não sei muito bem o quê e isso me deixa feliz ? a inconsciência
é uma dádiva. Respiro. Repito. Remo pensamentos. Resigno-me.
Uma densidão comum e exuberante é refinada no processo e
conflui em forma de resposta-oposta. Assim nascem bonsais
de fraternidade, leves, cálidos e graciosos, sem eu querer.

Qualquer coisa que é efêmera tem seu tempo para desabrochar
muito certo. Não me agrada muito o específico, mas tenho, com
o tempo, compreendido melhor o ritmo-caminho. O ritmo da
música que me é natural transpus para a vida ? qualquer coisa
fez sentido. A palidez do que o olho vê é insubstituível; o azul da
melodia consome e é consumido; ensina, come, mata e ensina.

Não há mais coisas há fazer nos momentos de "qualquer coisa"
especiais ? o inefável é que diz, é como o nada, é simples assim.
O relógio me lembra de finalizar esse dia; recuso-me insolentemente,
mas com o coração de quem sabe qual é a resposta-oposta e o
ritmo-caminho natural dessas coisas. Sei no consciente, mas o que
mais importa é o inconsciente no fundo d'alma, atrás do pensamento...

A magia da palavra ? até mesmo dessa que é demasiado limitada
para definir momentos onde qualquer coisa efêmera e luminosa
escapa de forma ludibriosa ? consegue contagiar a alma, fico cheia
delas, mas quando qualquer coisa especial acontece sinto-me sendo
retirada delas. Voam e somem. Como se nunca houvessem existido.
Conheço-as, mas o meu inconsciente íntimo ignora-as; é um faz-de-
conta sublime. Aprecio o que vejo sem relógios humanos por perto.

Como se o tempo parasse, minha alma sente-se tão acordada que
meu corpo dorme. Paro lentamente. O pensamento voa como uma

ave sobre o mar, engulo todos os desejos e estou. Essa incapacidade de capturar esse magnífico quadro, essa vontade de o fazê-lo e essa minha memória curta, estão todos despejados no inefável do meu coração. Apesar dessa incapacidade, sou grata pela capacidade divina de olhar como quem nunca chorou a vida que desabrochou.

Chove e eu gosto do tempo de hoje

Quando os momentos últimos escorrem
eu abrigo uma imensidão noturna no peito.

Quando chove, como hoje, e o tempo parece parar,
eu respiro um passado muito presente.

Preciso o encarar. E é um rio muito gostoso de
assistir correr para dentro de mim.

Sem saber muito e desejando o que sei.
Sabendo nada sobre o Universo e desejando
até mesmo a pequena íntima partícula.

Quando a caixa de música toca, mas está vazia, eu espero...
Na espera de ouvir que a chuva vai voltar a cair.
Como um velho amigo, estou pacientemente aguardando pela chuva.

[ela faz parte de mim, sem precisar rimar ou escorrer como tudo]

Fonte de Encontro – Metamorfose

Ser como um rio de luz, diáfano e fugidio.

Não há como fugir, os raios penetram e nessa penetração tudo se distorce,
contorce e engole-se, até mudar-se a si próprio e encontrar nova luz,
reluzir noutra ciclo que também acabará, dando espaço para outro chamado,
outro toque de luz. *Metamorfosear-se.*

Lágrima que escorre e o vento seca

A lágrima é o corpo da doce despedida
que não pode ficar encapsulada lá dentro
e assim é manifestada do lado de fora,
como uma flor que criou raízes profundas
e uma estrela que despontou.

Uma memória de dentro d'alma para
fora do corpo, escorrendo neste corpo,
um sopro de um amor esquecido, de uma
vaga lembrança, de uma galáxia que
repousa na bochecha de quem chora
para esquecer ou dos que choram em
rememoração à última razão viva.

A lágrima-corpo é uma forma de
remendar o coração; de viver de
novo ao sentir a brisa secá-la.

Eu vi uma Baleia Azul nas nuvens

Às vezes, quando chove ou está nublado, o abraço que aconchega a alma é tão grande e intensamente denso e tenro que não sinto vontade de andar de bicicleta. Amo andar nela, mas a roda do pensamento trava por alguns instantes e em seu lugar flui a baleia azul feita de nuvens plácidas. A preguiça que me faz imaginar e sentir como uma criança com o seu doce imaginário esse universo falsificável; essa galáxia sem razão ? perfeita.

? Quem poderia entender tal nuvem-animal? Tudo que foge do pensamento para o coração é metafísica e nela a resposta não é sim ou não, nem baleia nem imaginação, porque o que deita e descansa sutilmente no cerne do coração é o que foi naturalmente derramado nele, como um cavalo alado num sonho de criança que voa disparado e elegantemente com as asas gloriosas, inexplicáveis.. É um contraste concebível apenas no coração.

Estando assim, muito longe para estar mais perto e muito perto para estar tão longe ? no limbo do horizonte ?, encontro a vontade-verdade de andar de bicicleta, de contar as estrelas, de dançar euforicamente, de mudar de coração, de mudar o coração, de vestir esse mesmo coração, de ver mais baleias azuis nas nuvens brancas, de sentir o verão arder e o inverno a aconchegar esse lar.

Não quero dizer nada, pois, no limiar disso tudo, o coração fala indefinidamente alto e ele sabe o que quer. O pensamento não domina nada no campo das vontades do que somente o coração vê; e o meu coração vê muito. Mais do que entender o mundo que o rodeia, ele observa e só então sente. Sente como se o mundo fosse ele. A bicicleta vai ter de esperar. As rodas só funcionarão outro dia.

Anseios para o Novo Ano de 2025

365 dias cheios acabam de passar. Das lições aprendidas registro essa que cravo no peito: você não pode ensinar um peixe a voar, mas você pode escolher admirar as ondas na sua barbatana. É assim que planejo experimentar todo esse novo ano. Sem muitos planos mirabolantes, apenas desenvolver a ternura de viver o instante-já; ser mais gentil comigo mesma e exteriorizar esse sentimento; praticar cada dia mais a frase que li há uns tempos atrás: "é gostoso fazer jardinagem, não arquitetura.", sempre me equilibrando, pois todo dia há uma nova página em branco a ser apreciada, não só preenchida. A restauração começa. O broto irá germinar.

O Amor Phileo (como Onesífero e Paulo andam juntos)

Amigo na adversidade.
Comtemplando o mar
tempestuoso juntos.

Eu e você nessa
estrada estreita.

Todo o Amor de Cerejeira;
Todo o gesto de cuidado;
Felicidade apesar do frio.

Amigo para todas as
minhas facetas,
amigo de todo o jeito.

Eu e você nessa
estrada estreita.

A sua presença é
brisa de montanha.
Nós nos sabemos.

? Levemente a luz terna e acolhedora do sol
esquenta a minha pele. E essa mera sensação
nem chega perto de descrever a preciosidade
de um amigo-irmão-coração.

Deixar coisas boas morrerem

Há na Terra Terrena alimento
para satisfazer o meu coração,
mas há na Terra Terrena alimento
para ultrapassar minha alma e voar?

Deixar coisas boas morrerem é
crescer e manter, paradoxalmente,
o melhor delas coberto com uma
manta quentezinha e grossa no lado
mais macio do peito ? tudo de bom
que ultrapassou a própria Terra.

EUDAIMONIA

testando um eu pelo avesso.
dormindo mais horas, mas
direito. entregando sonhos.
regando o coração, desejos.
mistificando a manhã sem
se preocupar com o amanhã.
deitando-me sobre os montes,
chovendo com a chuva,
respirando os raios de sol,
mergulhando no meu mar,
lançando-me para as nuvens,
assistindo vagalumes, sendo
o meu próprio olhar com essa
alma por trás que li em Caeiro
? menos frio na barriga e
mais calor no peito, da flor que
brilha, do poder que é humilde.

? Ser feliz para ver o silêncio singelo das cores, das formas,
dos mundos que me rodeiam, plantando mais mágica ¹mágica eudaimonia.

¹ eudaimonia: é como se chama a sensação de ser tomado por um sentimento bom sem explicação; é aquela vontade de viver que surge quando menos se espera e mais se precisa; é o Criador do universo nos dando um abraço de esperança; é sentir que somos o melhor de nós; é aquela sensação de ano-novo de que tudo pode ser melhor. E é.

Reprise do que não pode morrer

A novidade é um reprise que voltamos a ver.
A melhor memória dá sempre filhos-ramos,
mas em cada vez há uma magia especial.
A fragrância do agora é tão única e singular
que assim nasce a nostalgia, que pode chorar
no coração depois. Se eu pensar que o que
apaga a minha existência ou não é sempre o agora,
vou viver. Viver de verdade, como um ambiente
repleto de pássaros, mas sem o Homens.
Ficando eu, ficarei-me para a ¹Eternidade.
Eu sei. O solo não morre, mas carrega os ossos.

¹Com este verso quis aludir, metaforicamente, ao ciclo "eterno", que encontro desde o nosso nascimento à nossa morte, que é sólido ? morrer e voltar pra terra. Isso já está fadado, mas eu escolho, sendo assim, viver da forma que julguei mais correta, nas palavras de Sinatra: "my way" (à minha maneira, do meu jeito, o meu caminho, etc...) E o quando o tempo tiver me consumido, eu vou ter permitido que meu corpo materializado e espiritual tenha andado livre e feito o meu melhor. Porque quando meu pequeno coração e todas as coisas boas nele quebram e caíam, derretem e vão pra longe, para depois voltar, parecendo ter mais graça e mortalidade, é quando então eu posso vislumbrar a eternidade de algo. Essa vontade não morre. E isso, para mim, também é eternidade.

Pensamentos provenientes da leitura: ‘Notas de Inverno sobre Impressões de Verão’ do Dostoiévski

? As reflexões são observações de dentro para fora; minhas imagens arbitrárias e meus devaneios, até que se exteriorizam. [cáp. III, às 12:12 na biblioteca com a Ana]

? Que o que parece amargo seja ao menos agridoce. Tudo que tem uma porção de azedo, merece ser visto da perspectiva de criança que come mel. Que seja ao menos agridoce essa realidade nossa. [pág. 9, resolvi voltar às páginas]

? Quero apenas para escrever hoje um simples vocabulário, palavras postas à mesa de todos, esboços ligeiros e sutis, impressões ordinariamente pessoais captadas em voo. Assim, leve e fresco, como quem acabou de acordar e viu a manhã ensolarada. E sabe? Escrevo correndo, mas nem sempre andei assim. Escrevo nessa euforia cintilante para trazer-lhes a visão do voo de pássaro ? ou melhor: o repouso dele, que voa alto e rápido sobre o mar. Esses instantes são fugazes e cheios de poesia viva. Aqui reside o meu pensamento. O ar da minha escrita é o voo da palavra que se exterioriza em tudo que se permite ver. A palavra cheia de ouro esconde-se de mim; guardo no coração toda aquela que é simplesmente extraordinária na sua simplicidade sem fim. Percebo e recordo agora tudo isso. [pág. 12-14]

? Toda a nossa vida, desde a primeira sagrada infância, se estabeleceu de acordo com os sonhos e desejos de outrem; nossas ambições foram colocadas em nós. Agora urge aprender qual o nosso próprio querer. Qual é a fórmula química da minha alma? O que me faz arder lindamente?

Há uma verdade, ainda inconsciente, sobre a qual a nossa existência deve ser despojada, mergulhada e ressuscitada. Nossa terra natal faz parte de nós, mas não nos forma inteiramente. Tudo para o qual eu tendi por voltar, é esse meu lar real. É difícil, no início do processo, exprimirmo-nos com clareza a nós próprios; o espelho, à primeira vista, está muito embaçado. Mas, o olhar contínuo, capta algo mais fundo do que o que está embaçado, soterrado e meramente apagado. Esse algo que penetra tão fundo me compõe, também. Esse exercício psíquico ? olhar-me bem fundo para encontrar a pérola que criei e ainda está dentro da ostra ? é um hábito estabelecido para a vida inteira. Nos breves momentos, enquanto toda essa gente dormita sobre a sua alma, eu procuro a minha vivamente. E isso também me compõe: essa procura incessante por mim mesma, mesmo sabendo eu que a minha fórmula é indefinida, as minhas raízes são várias, as minhas ideias são infinitas, ainda que meu nome e corpo sejam apenas um. Toda a nossa vida, é um caminho para nós encontrarmos afinal. Raspei as tintas e pinteí um novo quadro. Tudo isso sou

eu: a tarde, a noite e a manhã. [pág. 16-17]

Eu Existo: da Conexão das Nuvens ao Chão da Terra

Molhada

Extraordinária solitude do elogio da nuvem para a qual aceno em reverência. Vejo a vida sonhar todo o meu amor com ela, sem se precipitar, mas revelando-se como uma serenata: é intenso e é simples. Assim também como o brilho da lua ou como o luzir dos vagalumes. Tudo que é sutil me causa profundidade.

Musgos em plena floração me lembram a vida honesta e aberta. Sinto uma bondade natural do céu, a indiferença dos outros filhos não me desequilibra. Apenas guio os meus ramos. Os meus cavalos correm sem desespero e eu vejo a Lua.

Contruo uma casa de pedra que é tudo que preciso. Onde sem teto, posso ver as estrelas e desejar ir para o meu lar. E vejo. Acima do sol. Por trás das nuvens. Em posição elevada à Lua. O desejo me permite respirar resquícios dele mais perto, como se estivesse mais perto do que nunca. Imagino uma corrida nos dois céus: o noturno e o diurno. Não importa perguntar-me o porquê estou aqui, mas me abraçar enquanto respiro intensamente deitada sob este chão que me proporciona a visão do sol, das nuvens, da lua e da chuva. Tudo isto enquanto vivo e espero em paralelo ? um prisma de elos. Já estive aqui antes mas tudo está tão bom agora: correndo à procura de mais coloridas borboletas.

? A lua usa o brilho alheio e, só então, sobe ao céu, sobe e caminha entre estrelas, ascendendo para acender, carregando o melhor que lhe é oferecido. Cintilante ela vaga dentro do seu próprio caminho. E a lua está em mim.

Fico alegre por admirar o que admiro e ser assim ? observadora e admiradora das coisas que formam mais coisas dentro de todas as pessoas, e e perceber numa rápida consciência tudo que me forma; tudo que eu adoro; tudo que toca no céus, tudo

o que revolta o mar, tudo o que abala a Terra. Tudo que é poesia.
Mesmo que eu não veja. A conexão é para àqueles que enxergam
à sua própria finitude em comparação com o que é infinito.

? O Maior é abrigo. Por isso eu embarco nessa solidude que fala muito, que embarca em mim,
como feriado de dia santo: uma manhã sem compromissos. O tempo vira para que eu aguento. Isso
é uma outra faceta, mais difícil, do Amor. A beleza da noite não depende da noite sozinha. Os
vagalumes guiam o seu caminho. Eu existo, eu resisto, eu repito, eu declino, eu rimo, eu reintero,
eu espero, eu rezo... Eu e todos os meus restos... Eu existo. Eu existo. Eu existo.

O som do Amor Verde

A felicidade não é matéria da Terra, mas eu crio um pouco dela aqui e me contento, e assim me faço feliz. Se tudo é quimeras, se os rios nunca param de fluir e o tempo de mudar, continuarei com a mudança do que amo, mas não deixarei de amar, porque o Amor é a Força Vital, é a Felicidade Maior, é a única garantia de uma plenitude na Terra. Do amor fomos criados, para todas as formas dele viveremos. Sem desencorajamento, com atrevimento seguro, eu seguro a certeza de que só Ele pode mostrar o caminho: o próprio Amor amou e então por amor eu amo. Às memórias dou graça, pois lembro-me da representação viva do Amor, ao qual sou grata. No fim, a felicidade não é matéria inerente à Terra, dada seguramente e naturalmente a ela, mas pode se fazer assim, quando eu amo.

A Sapiência da Montanha Verde-Vida

Meu coração está vivo como as montanhas: no alto, limitado, sereno e silencioso. O barulho do vento é apenas a música que o faz não parar de palpitar. É bênção cantada. Dando a impressão de que toca o céu, mas fincado com os pés na terra pastosa ? sem excessos diversos, recusando a intemperança.

As montanhas estão vivas como eu estou viva. Meu coração quer cantar cada uma dessas músicas que sinto vir dela. Eu estou viva na montanha. E meu coração não é solitário. E eu canto mais uma vez a nossa melodia.

A montanha vive em mim. Lá dentro, bem aberta, mostrando a tranquilidade aberta que perfura suavemente a manhã que me encontra. Quando a sua manhã me adentra ? mansa e refulgente.

No refúgio da minha montanha eu danço enquanto caminho e exploro os detalhes de todo o verde de todo o meu caminho. Eu estou (vestida de) verde-vida. Ao final de todo caminho espalho lágrimas e encontro outro.

? A sapiência da montanha não é só o verde-vida, é o meu olhar.

Esperanças, Saudades e Rodas da Vida

Não gosto quando tudo se esconde de mim.
Quando a beleza é fugaz, as juras são mentiras
e o céu é sangrento como a cruz. Sem pureza.

Prefiro hoje não compreender o motivo do
que morrer com ele. O broto não sabe que
está crescendo, apenas cresce naturalmente.

Eu não ponho as esperanças fracas nas rodas
que criei e nas engrenagens que me foram
ensinadas; ponho no Homem que dirige a
carroça ? ele sabe o que faz e eu não preciso
de mais nada. Mas sinto ainda muitas saudades.

À primavera que rumoreja dentro de mim

Da primavera para o verão. O inverno acabou e eu vejo-me adiante. O tempo e eu estamos livres. Ouço jazz e sinto as pupilas e todos os meus batimentos passeiam pelas melodias do desabrochar das flores; enquanto pássaros me dormem e me encantam no cantar de tudo aquilo que está acontecendo. Isso é repleta felicidade.

Eu sei que o que sei não está só sobre mim, mas sob o que escolho de mim. E aí a queda é muito maior. Um tambor e um coração. Também sei que a beleza é desordenada quando quer? é jazz; é a vida encontrando-se, não já encontrada. Vivemos de improvisos fixados. E a poesia não é sintomia de pensamento coerente e equilibrado, é sentido, é loucura catártica e irreverentemente perfeita expressa. É a conjuntura do organismo que vibra, que pulsa, apesar de mim, mas tomo-a para mim. Afinal, ela resume-se no eu que a contempla, logo antes dela acabar e de recomeçar na forma de outro organismo.

A primavera rumoreja como eu, quando acordo de um sono profundo e desperto sem me sobressaltar, e, por instantes, não sei nada e nem anseio saber, apenas sei que sou. Horas raras, divinas e inconscientemente cuidadas. Nada além, nada distante. Tudo através. Aquilo que perfura alguém do corpo e além do saber, eu saldo e retenho.

Assimilo, ao voltar para casa, todo o vento com a lucidez enérgica de um beija-flor veloz e com a fragilidade de uma criança que canta sobre libélulas. A amabilidade cria-me as asas; abrange o Universo ao me desfazer; cria para mim a estrela durante o dia acesso, permeia o jardim de prelúdios de doçuras, que desfazem os limites que a realidade insiste em querer me fazer esquecer. Com a entrada da primavera, não deixo ficar despedaçada ou sequer pendurada a mera reminiscência do desejo das pequenas coisas tolas, pois o inverno, quando se foi, levou os flocos descoloridos de neve e a primavera trouxe-me as pétalas. Estou perfurada por pétalas. Eu vou deixá-las cair. Elas irão de qualquer forma. Mas eu escolho, uma vez mais, cair com liberdade, avultando a minha subida nessa temporada,

com a natureza que professa acreditar na vida, caso eu esqueça.

Reflexões de Primavera Dentro do Meu Corpo Novo

É primavera, afinal! No limiar de todos os espectros de expectativas constantes, eu deixo-me e deixo de ter o que quer que seja. Quando não sou é quando eu mais sou. As palavras... sinto-as soltas como as folhas das árvores sobre o meu bloco de notas. O papel que torna a ser papel, após ser tronco. A vida que muda e eu só percebo quando mudo e paro. Paro de pensar e só sinto que mudei. Não digo os pensamentos, só retenho tudo no corpo. Esse corpo que *respira*. Não falo enquanto ele escolhe ser, sem pressa alguma, como se ele nunca tivesse respirado tão profundamente. Sei que já o fez, no entanto, cada vez **refulge como novo** e eu como nova me abraço, como os pássaros nas árvores ? todos os dias os ouço, mas é sempre diferente: **essa faceta do novo nunca morrerá**, enquanto o meu ser conseguir respirar. Dia após dia, dentro e fora, no começo e no término, quero sentir esse refluxo que ultrapassa o abismo de só estar viva ? quero ter *visão* para não morrer de escuridão. Tudo aquilo que me espera eu espero de antemão.

Espero não como quem somente aguarda os ventos mudarem e levarem-me ou as estações fundirem-se em algo novo e criarem algo no meu caminho, ou mesmo os Homens abrirem-me o ser e a alma toda me dilacerando para que eu mude, mas escolho esperar como quem luta para poder *respirar*, a despeito do ar límpido e puro ser escasso. **Meu ser é ávido** e eu mantenho ele para que eu não conviva absolutamente como inválido, perdido ou vilipendiado entre os escombros dos que estão mortos em corpos que ou ainda não respiram ou deixaram de respirar; em almas que não conhecem suas próprias palavras, as de infância e as sagradas.

Gosto sempre de colocar a cabeça no travesseiro antes de dormir e pensar, imaginar, projetar o que eu sei que sou e o que eu sei que não sou e, assim, no outro dia, viver o desafio constante de pôr as *palavras* de tudo aquilo que sonhei no meu mundo. **A plenitude exige dor**. Os tempos são diferentes, mas os sentimentos se cruzam. Cabe a mim ser ou morrer. Ou melhor, cabe a mim tentar escolher *quando* ser e *quando* morrer e *como* ser e *como* morrer. Assim eu descubro a sabedoria do meu corpo. A disposição da minha procura equivale ao prazer de encontrar o que não sabia que perdi, contudo, fazia falta ? *sagacidade da alma*.

Tudo isso passou pela minha cabeça enquanto olhava para o papel e respirava naturalmente sem pensar... O verde que me cerca me faz chegar ao mais alto de qualquer colina que exista e me permeia sem melancolia, respiro toda a sua força e bravura, toda a sua leve ruptura ? **meu coração se declara à completude**. De repente, todos os átomos são adoráveis. Eu sinto o cheiro das flores e é como se nas flores pudessem ser acesas chamas que não queimam, mas ascendem o brilho de todas elas. Um *ato de serenidade*. Um *ato de bondade*. Lindo como a palavra libélula. Acho que sou *como* ela. Assisto o mundo vestido com essas roupas rasgadas, mas inspiro somente o seu verde. Não termino de rasgá-lo, me abro quando pinto-o à minha maneira. Eu vivo da minha realidade e a minha realidade precisa existir porque ela veste os meus dias. À primavera que me ensina a sorrir, eu derramo-me, tranquilamente, sem medos e receios tolos, sem restrições exuberantes e exageradamente *insignificantes*, sem aspirações que cercam profundezas, aquelas que impediriam meu ser de simplesmente ser; sem nada, nada, nada. Mergulho a nado, a despeito de qualquer resquício de sensação que me faça pensar que posso morrer, para, finalmente, *viver*. Viver sem temer. Ou viver com menos temor do desconhecido. O que eu seguro com as minhas mãos, independentemente do que seja, será sempre areia, então do que serve esse medo irrelevante? Onde *não* me levaria a coragem de enfrentar esse meu abismo?

Assim eu faço a minha escolha, sabendo que haverão sempre outras coisas que irão, de modo evidente e natural, superar todas as minhas coisas atuais, mas as minhas coisas momentâneas

colocadas como estão, toda essa 'conjuntura de agora' forjam esta minha realidade, são tudo o que eu tenho. E tudo o que eu tenho eu guardo dentro de mim, fluidamente, pois sei que sou como o rio, então me cuido, para que eu possa ser eu, ainda que eu não tenha nada, no final de cada jornada-estação que esse meu frágil coração atravessa. Expiro me sentindo boba, leve e feliz. A *felicidade* não é medrosa, então por que eu seria?

Sussurros mais puros colidem - meu Elo

Em cima do telhado eu subo ¹para ver, não as estrelas mais perto ou quem sabe com clareza, como fazia no passado, mas sim amplamente os pastos antes do mar. E tudo é profundo e suave. Redireciono o meu foco, deixo de focar no que está tão alto para pegar com as mãos pequenas e sujas de sangue mais sangue ? o meu próprio sangue. Formado pelo que precede a hora azul e procede do sol poente. Se alimenta dessa necessidade intransigente. O telhado me espelha.

Tudo isso para aproximar os ouvidos dos sussurros que estão perto, mas que o coração perde. No fundo, não hesitar no mar e deitar e rolar nos pastos; ser o cabelo no vento; o azul, o verde e todos os seus subtons... E eu bem sei que assim é a vida ? se eu escolher viver. Todas as suas gavetas têm a sua ordem; e eu apenas quero não estar muito perto da beira. Ou mergulho ou descanso, mesmo em paralelo. Esse é o elo.

Sinto a hora de partir. A hora da estrela já foi. A terra muda e ainda sim é a mesma. Eu estou me tornando mais suave por dentro e a semente tem ficado mais enraizada. E você já não sabe que o Universo é largo o suficiente? Então eu me torno mais suficientemente pequena. Eu devo salvar aquilo que é puro, aquilo que é verdadeiramente meu, antes do meu coração e o seu colidirem. Criar meu próprio universo ameno e suave, aqui na Terra. É um sonho florescendo em direção ao azul.

¹Nesse simples primeiro verso tem toda a filosofia de vida que tenho aprendido a cada dia e durará para a minha vida inteira. Não vejo mais vantagem, em algumas situações, em subir tão alto, com tanto sofrimento, percorrer o caminho mais extremo e que me deixa com complicações posteriores, apenas para descobrir a verdade por trás de algo ou o mero brilho de algo que é bonito, mas que está morrendo ao mesmo tempo, assim como as estrelas estão brilhando e morrendo todos os dias. Compreendo melhor que não procurar algo tão fora de mim, tão longe da minha realidade ou até mesmo algo que está ainda no futuro, me permite viver mais livremente e com um elo precioso no presente que me é dado. Tenho escolhido me contentar com o que está na Terra, nos pastos, o céu pode esperar e, de qualquer forma, nunca foi meu e nem será. Meus sonhos são maiores que

eu, mas eu não sou só meus sonhos. Eu vivo aqui e tudo que é suave lá dentro (de mim) merece conhecer também a Terra. "You're half the world away / I've been lost, I've been found / But I don't feel down / I don't feel down" [Você está à meia distância do mundo, eu estive perdida, fui encontrada, mas eu não me sinto para baixo, eu não se sinto triste] ? Half the World Away, Oasis.